

ASSIGNATURAS
 ANNO..... 20\$000
 SEMESTRE..... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escritorio e Officinas
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

(Continuação do numero anterior)

... mas... exgottou toda a sua provisão de firmeza, o seu patrimonio de coragem naquelle immorredoiro *fico* de 14 de novembro, acto de heroismo que o deixou bambo para o resto dos seus pacatos dias.

Em regra, sómente se deve ser heróe uma vez na vida e outra na morte. Quem commette uma façanha de abnegação extrema no cumprimento de dever civico, fica para sempre forrado de repetil-a. Nenhum preceito de moral obriga o cidadão a semelhantes excessos : basta que dê uma brilhante prova de coragem.

Heroismo repetido redundando em quichotada.

Além disso, a contingente natureza humana não supporta, impunemente, as demasiadas, as prolongadas tensões nervosas. A experiencia do heroismo, feita ao immediato contacto do perigo, gera o medo, um phenomeno de superexcitação dos instinctos conservadores.

Saiu dos rubros labios de um heróe, ainda fumegante de gloria, a phrase : Quem de uma escapa, cem annos vive.

O honrado presidente da Republica suppoz que, depois daquelle *fico*, ficaria consagrado para sempre como um homem de energias incomparaveis, dominando com a figura amena, immersa num ninbo de prestigio, a situação politica, durante o resto do periodo de purgação de seus peccados naquelle posto de penitencia. Enganou-se : tudo é ephemero neste mundo.

S. ex. sancionou a amnistia e ficou; deve, agora, ser logico e defrontar serenamente todas as consequencias do seu acto e ver, claro, a situação illuminada á luz dos recentes acontecimentos.

Se os máus conselheiros não lhe

tivessem inspirado medidas de medo, aquelle ridiculo aparato de forças que poz em estado de sitio o palacio presidencial, s. ex. teria visto com os seus meigos olhos a estupenda manifestação feita ao sr. Lauro Sodré, no momento da sua restituição á liberdade, á familia e ás eminentes funcções de membro do Senado republicano.

S. ex. teria verificado que aquellas ovações, aquellas expansões irreductiveis, espontaneas, não tinham a repercussão das ambições de um partido, — de uma seita : tinham a tonitruancia de um brado que espôcava do coração do povo, um brado eloquente, cruel, dolorido, no qual se condensavam todas as dôres, todas as queixas, toda a vergonha da Republica.

Um homem por si só, pelos seus talentos, pelas suas virtudes, pelos seus serviços á patria não poderia jámais despertar aquella explosão de affecto popular, se elle não representasse uma idéa, uma aspiração, um anhelo legitimo, ou não fôsse o escolhido para ser o instrumento e o symbolo de reivindicações que não pôdem ser protelladas, reivindicações que agitam todo o organismo social.

Não será a primeira e ultima vez que um homem de merecimento ou uma vulgaridade, um benemerito ou um charlatão de civismo serve ao povo de *gato morto* contra os oppressores.

Ora, no caso actual, não se pôde dizer que o sr. Rodrigues Alves seja um oppressor : o seu temperamento, a sua educação, os seus melindres lhe impõem tendencias pacificas e tendencias para a tolerancia, fazem de s. ex. um verdadeiro typo de bôa pessoa, mas commetteu a falta imperdoavel de manter em opulenta séva a politica dos governadores, esse monstro que o sr. Campos Salles collocou no altar para conspurcar as instituições democraticas.

E' contra essa politica que se revoltam todos os elementos ainda não con-

taminados pelo virus da corrupção, é contra as olygarchias bastardas que estão bradando todas as forças da consciencia nacional, contra essas olygarchias que cavalgaram o governo federal, passivo, obediente aos seus caprichos intemperantes.

A consistencia de character desses proceres da politica dos governadores ficou exuberantemente demonstrada, com as mais frisantes provas negativas, no inicio da campanha da successão presidencial : todos elles, os donatarios dos Estados, alardearam os mais vehementes protestos á candidatura que surgia favoneada pelo Cattete ; desde o momento, porém, em que o padrinho daquella candidatura vacillou, tendeu para uma capitulação sem combate, aquellas creaturas do prestigio official se revoltaram contra o seu creador, correndo pressurosas para onde bruxoleavam probabilidades de victoria. E a colligação triumphante está luctando com o excesso de adhesões, procurando evitar a morte prematura pela asphyxia da unanimidade.

Não se apagou ainda da memoria publica o acto de servilismo do governo á mais vil, á mais porca das olygarchias, armando-a com um *droguista* innocente, um pobre rapaz sem physionomia, transformado em juiz federal, para fechar a unica porta facultada á liberdade e aos direitos dos adversarios.

Os brados da opinião, as reclamações de um grupo de homens raros pelo radicamento das convicções, homens que se mantéem privados dos proventos do governo durante a existencia da Republica, no posto patriótico de opposicionistas dentro da Constituição e das leis, e por isso mesmo dignos de respeito como *avis rara* emergindo desse lamaçal do servilismo politico, as queixas de lezões abundantemente provadas por factos deveriam encontrar echo no espirito do sr. Rodrigues Alves ; mas s. exa. estava surdo e cego : entregou, sem remorso, ao velho

Accioly o aviltante instrumento da sua rapiagem contra a grande maioria do povo cearense.

E não tardaram os factos a demonstrar, com os excessos de oppressão fiscal, que o donatario triumphante, adquirida a ultima peça de sua terrivel machina, empreheude o assalto á bolsa, á propriedade dos seus subditos infelizes, sob o disfarce do imposto de 3 % sobre as transacções mercantis, um imposto violento, inconstitucional, um formidavel *bis in idem* que sugará toda a seiva restante áquelle desgraçado commercio cearense.

Esses e outros actos de condescendencia criminosa, de submissão aos caprichos da feróz politica dos governadores, provocaram resentimentos legitimos que, em vez de se desaffrontarem com actos de violencia em excessos sanguinolentos, vão alastrando como esse rastilho que um jornal carioca descortinou com direcção aos funestos paíões da anarchia.

Assim como o gemido é um direito da dôr, essas manifestações, os vivas, as aclamações, o foguetorio da noite de quatro de setembro são uma explosão irrepresivel das queixas, das maguas dos opprimidos.

O senador Lauro Sodré, rehabilitado pela amnistia, forneceu o ensejo para essa manifestação pacifica, que tanto terror inculiu aos conselheiros do sr. Rodrigues Alves, ao ponto de sitial-o nas quatro paredes do palacio do Cattete, guarnecido por uma sébe de bayonetas scintillantes aos raios de um luar melancolico, a recordar a hombridade daquella outra noite de 14 de novembro de 1904.

* *

A preocupação do honrado sr. Rodrigues Alves deve ser, passada a crise de capitulações, empregar os quatorze mezes de governo na reabilitação da sua popularidade, não se limitando á politica industrial de melhoramentos materiaes, de facto muito valiosos, que só aproveitam immediatamente á capital previsoría da Republica, mas compreendendo o saneamento moral da politica, tarefa muito mais facil e muito mais benemerita que rasgar avenidas e fazer alguns portos.

Para isso deve começar traucando os cofres das graças, das patentes da

Guarda Nacional, das nomeações de filhotes aos satrapas estadoaes.

Não lhe aconselhamos jámais represalias que assanhassem com esperanças perigosas as opposições soffregas de poder, mas uma politica de moderação, de conciliação da justiça com as necessidades de uma administração bem inspirada, aparando as unhas ás olygarchias gananciosas, que são o mais pernicioso inimigo das instituições.

Essas devem a sua existencia, o seu vigor, ao incondicional apoio do governo federal, que se tornou cúmplice de todos os seus crimes, desde que o sr. Campos Salles assentou na politica dos governadores as bases do seu plano de administração.

E essa politica foi decompondo tudo, penetrou fundo o organismo da Republica, destruindo e corrompendo, até avassallar a mais eminente magistratura, até subordinar aos seus intuitos maleficos todos os agentes do poder publico.

A perspectiva da administração dos Estados é uma lição eloquente. Contra um Nilo Peçanha, entranhadamente consagrado ao trabalho patriotico de restabelecer as forças economicas do Estado do Rio de Janeiro, se oppõe a legião dos satrapas obceados pela ambição de governarem a todo o transe, conculcando os mais sagrados direitos e accumulando compromissos perigosos que, cedo ou tarde, determinarão a intervenção da União.

Quatorze mezes de governo, bem empregados no empenho patriotico de reparar erros evidentes, poderão constituir um periodo auspicioso.

A memoria publica é muito fragil. O povo facilmente esquece os desvios dos governos, quando estes não chegam ao extremo de serem detestaveis. Basta um acto de inspiração patriotica para resarcir um passado inteiro de equívocos lamentaveis. E esse acto seria uma simples ascensão do plano da politicagem mesquinha para a região clara e luminosa da politica de largo descortino, interpretando com fidelidade as aspirações nacionaes.

Se s. ex. enveredar por esse rumo, indicado pelas mais rudimentares noções das necessidades publicas, dos interesses essenciaes da Republica, verá como o espirito nacional se er-

guerá em torno dos seus esforços num grande e espontaneo movimento de apoio, de reconhecimento aos seus serviços de administrador estadista.

Se se mantiver, porém, na attitude de resignado á dureza dos factos, no extase de um vencido pela fatalidade, terminará sem relevo, sem destaque, o seu periodo de governo, que se irá apagando, lentamente, até sumir-se na treva, como se extingue tristemente uma lampada carecedora de óleo.

* *

Mas, se s. ex. não pôde fugir aos vicios da politicagem, sómente lhe resta o recurso de lançar, contra a colligação, a candidatura da amnistia, que foi uma especie de convenção.

POJUCAN.

REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

Ainda do Serro a Concordia—Os batalhões salientes—Quatorze mezes sem um exercicio de tiro ao alvo.

Deixava muito a desejar o nosso pequeno exercito, não só em relação á instrucção technica da maior parte dos corpos, como por se achar muito pobremente aparelhado para a dura campanha que iamós iniciar.

Faltava-nos quasi tudo, desde o commissariado dos viveres e forragens regularmente organizado, até ás ambulancias para os enfermos e os meios de transporte facil e commodo.

A' excepção dos poucos corpos que haviam invadido o Estado Oriental, era constituido de soldados bisoños dos batalhões de linha que viviam nas provincias, dando guardas e destacamentos pelo sertão, fazendo diligencias policiaes, e de paizanos recentemente alistados Voluntarios da Patria e que não tinham tido ainda tempo de passar a prompts dos exercicios de recrutas.

Toda aquella *paizanada*, em cujo olhar brilhava o fogo patriotico, tinha para lhe servir de modelo o excellent nucleo formado pelas forças que estacionavam de guarnição no Rio Grande; invadiram o Estado Oriental e pelejaram galliardamente em Paysandú, defendida pelos soldados de Leandro Gomes—um bravo.

Eu olhava com respeito para esses veteranos, verdadeiros benemeritos que haviam affrontado a morte pela patria, e esperava, ancioso, me chegasse a vez de dizer tambem:—Já entrei em fogo para defendel-a.

Alguns delles tinham as mais hon-

rosas tradições de disciplina e de valor, que lhes advieram dos seus grandes commandantes. O 3º, o 4º, o 6º, o 12º e o 13º rivalisavam no garbo, quando manobravam, na limpeza, na firmeza, na disciplina e na instrução tactica. O 12º de infantaria tinha o appellido de *Treme-terra* porque, diziam os veteranos, quando marchava em columna cerrada ou dava em linha uma carga de bayoneta, o chão estremecia. Ao 13º deram o nome de *Arranca-tôco*, porque era como as antas na floresta; nada resistia aos seus embates; os pés, nús e robustos, passavam incolumes sobre os espinhos e os tremedaes, sobre as pedras cortantes e os areiaes abrazados pelo sol do verão.

Não só os que tinham feito a recente campanha do Uruguay, como os que vinham chegando, estavam bastante desprovidos de fardamento e equipamento. Os nossos arsenaes não podiam, pelo que se via, satisfazer as nossas necessidades e o ministro da Guerra, o visconde de Camamú, ordenou ao general Ozorio que mandasse comprar no Rio da Prata o que fôsse necessario.

Dahi, originou a falta de uniformidade do nosso fardamento. Recebi uma blusa de baêta vermelha, e uma vez distribuiram-me alpercatas de *gringo* com sóla de corda trançada e *canzonillos* de gaúcho com franjas.

Não era raro o uso do chiripá na nossa cavallaria, e o *ponche-pala* parecia ser uma peça regulamentar do uniforme. Desde o general em chefe até ás suas ordenanças, usavam-no todos. O proprio general Sampaio, que podia ser apontado por modelo em qualquer exercito, ainda o mais rigoroso na disciplina, tambem usava muitas vezes o seu de *bicunha* de côr amarellada sobre a farda nova, bordada a ouro. O uso do chapéo de feltro negro tornou-se geral. O do general Ozorio, de cópa alta, dava-lhe um tom agaúchado especial, que o tornava muito sympathico e creoulhe o typo, como a cartolla fez o do general Urquiza.

Levantámos acampamento em fins de abril. Não posso precisar a data, porque, ás vezes, me falta a memoria. Embarcámos no porto do Serro em *goletas* e *gadanhos*, que nos levaram para bordo dos transportes que nos iam conduzir Uruguay acima. A travessia era curta—um dia apenas—até ao nosso destino. A viagem foi bastante agradável, como são todas as viagens feitas em rio, onde ninguem enjoa, com bons e alegres companheiros. Quando se serviu o almoço, nós, cadetes, nos sentámos ao lado dos srs. officiaes e, valha a verdade, portámonos de modo a não confirmarmos a má reputação que gosavam os nossos camaradas, que formavam, merecidamente, na companhia do *Avança*.

Chegámos ao porto de S. Francisco, onde desemboca, no grande Uruguay,

o arroio do mesmo nome, pouco acima da cidade de Paysandú. Alli armou o exercito, por aquellas coxilhas afóra, o seu acampamento de tendas de algodão de fórmias variadas, desde a conica usada pelos povos do Oriente, até á de cumieira, que dão mais espaço e commodidade aos seus moradores.

A vida passava entre a indolencia e a monotonia, que só era interrompida quando chegava algum transporte com corpos novos, que vinham reforçar o pequeno exercito, a se organizar lentamente, como si tivéssemos certeza de que o inimigo nos esperaria. O general fazia o que podia, mas estávamos tão mal preparados quando foi declarada a guerra, que, apesar dos esforços empregados pelo governo e do patriotismo dos brazileiros, seis mezes depois ainda nada podiamos tentar para tomar a offensiva.

Oxalá que não nos succeda o mesmo em circumstancias eguaes.

Entretanto, o nosso inimigo tinha em armas cerca de 80.000 homens instruidos e disciplinados, promptos para defenderem um territorio inteiramente desconhecido por nós, circumvallado por dois rios immensos, protegido no interior por interminaveis *estêros*, e, pelos lados de léste e oéste, por extensas regiões desertas, onde não havia uma estrada para dar accesso á invasão, que só poderia ser feita pelo sul; ao norte, Matto Grosso, que, não obstante a durissima lição, continúa, passados quarenta annos, ainda no fim do mundo.

Tivesse Lopez um general e a missão do exercito alliado teria sido muito mais difficil.

Os recrutas recém-chegados do norte do Brazil, não habituados aos rigores do inverno, que foi excepcionalmente frio no anno de 1865, baixavam aos hospitaes em grande numero e as fileiras rarefaziam-se rapidamente. Lembro-me de um luzido e bello batalhão de voluntarios paraenses, que quasi desapareceu victimado pela brusca troca do clima calido de sua terra pelo frio intenso do S. Francisco e, provavelmente tambem, pela mudança de alimentação, que consistia quasi exclusivamente em carne muito gorda, com a qual não estavam habituados.

Os campos amanheciam brancos de geada. Parecia que tinham sido polvilhados com sal refinado ou assucar branco crystallizado. Eu me fechava na barraquinha de duas praças, deitado sobre as caronas cobertas com pellegos de carneiro, tendo por travesseiro o lombilho e por cobertor o *ponche* reiúno. Dormia todo vestido e mais de uma vez bati o queixo de frio. Ia me aguentando o melhor que podia e melhorando a *boia* com o pouco que podia conseguir com as minhas duas libras de mezada. O meu amigo Amarilio de Vasconcellos morava commigo e como

era excellente prosa, matavamos o tempo palestrando antes de chegar o somno.

Apesar da falta de conforto da vida de praça de prê em campanha, o meu espirito comprazia-se com aquelle scenario, onde tudo era novidade para elle.

Si nem sempre me encantavam as côres carregadas do quadro, ás vezes sombrio, muitas vezes distraía-me ao miral-o com curiosidade.

Um dia de grande satisfação para mim foi quando o commandante da minha bateria me nomeou chefe de peça. Senti-me orgulhoso e jurei a mim mesmo esforçar-me para corresponder áquella prova de confiança. Sonhei que desmontava cañões inimigos uns após outros, varria á metralha os esquadrões que se aproximavam a galope do meu regimento e abria longas brechas nas muralhas das suas fortalezas. Enfiava no dedo pollegar da mão direita a *dedeira* que recebi para tapar o ouvido do meu cañão La Hitte no momento de carregal-o, polia a haste e aguçava a ponta do *diamante* com que devia saugar o cartuxo e pedia ao Saturnino explicações sobre a alça de mira, com a qual fazia as minhas pontarias. Procurava aprender por mim. Até áquella data, nada me tinham ensinado. Os unicos exercicios que havia feito, fôram os da Escola Central, quando era paizano e por ordem do Manoel Felizardo. Aquelles mesmos fôram de infantaria e não valiam grande coisa, porque o proprio instructor, o tenente Fortuna, não primava pela excellencia dos seus conhecimentos tacticos.

A minha ignorancia naquelles assumptos não era privilegio meu. Quasi todos os camaradas soffriam do mesmo mal. Não podia ser de outro modo, porque não nos instruiam. Os raros exercicios que faziamos reduziam-se, si bem me lembro, a pegar na palamenta, limpar e carregar (sem cartuxo, nem bala) e fogo (sem polvora). Depois, atracar a palamenta e quasi nada mais. Não era muito difficil ser bom artilheiro, si tudo se reduzisse a isso. Não me consta que durante os quatorze mezes, que medearam entre a rendição de Montevideo e a passagem do Paraná, houvesse um só exercicio de tiro ao alvo, quer na artilharia, quer na infantaria ou cavallaria.

Um dia, fui com dois companheiros — o Marcos de Azevedo, que era alferes-alumno e o Luiz Carlos, ambos mortos hoje, visitar o Pantaleão Telles, que era alferes e commandante do piquete do Ozorio.

Estava acampado á margem de um pequeno arroio, na ourella de uma matta rarefeita de salgueiros. O João Telles era cadete sargento e servia com o irmão. Havia umas tres bar-

racas armadas, alguns cavallos á sogá, duas varas com matambres sovados e mantas de carne muito gorda estendidas, uma chaleira ao fogo e dois euormes churrascos, espetados em varas fiucadas junto de um grande brazido, os quaes um cabo de cavallaria, de vez em quando, virava de um lado para outro. Não havia nem cadeiras, nem bancos. Os assentos eram um tronco de arvore ou os calcanhares das visitas.

Logo de chegada, correu o matte á roda e vinha sempre *gordo* porque o cabo *cevador* era mestre na sua arte. Depois de sorvidos uma meia duzia de *porongos* por cada um de nós, approximámo-nos mais do fogo e o cabo poz um punhado de sal numa tampa de marmita, que encheu d'agua do arroio e collocou ao lado de um dos assados. Eramos cinco. Cada um de nós, com a sua faca, separava um grande naco daquella carne aromática e appetitosa, molhava-o na marmita da salmoura e levava-o á bocca, cortando-o depois, debaixo para cima, sem receio de ficar sem a ponta do nariz. De vez em quando, tiravamos um pouco de farinha com a ponta da faca e assim continuávamos, de cócoras, até ficar limpo o espeto. Tomávamos matte depois e fumávamos o nosso cigarro de palha de milho. A curtos espaços, renovavamos o nosso ataque até que anoiteceu. Estendemos os arreios debaixo de um grande *ombú*; e, ao relento, sob um céu excepcionalmente limpido, onde as estrellas scintillavam com um brilho annunciador de forte geada, nos deitámos ao lado uns dos outros e passámos uma noite agradável, certamente mais do que as que passava no acampamento, fechado na minha barracquinha, tremendo de frio e respirando um ar viciado pelo acido carbonico, que nós mesmos exálavamos e que ficava, por mais pezado, nas camadas mais baixas, onde o aspiravamos de novo, com prejuizo do organismo. Que será preferivel para o nosso clima: bivacar ao relento ou acampar em barracas? Nos climas muito inclementes da Europa central, Hoche, o grande Hoche, deu o exemplo da suppressão da tenda-abrigo, em seu exercito, dizendo que era mais militar, mais republicano e mais glorioso dormir « á la belle étoile » do que carregar barracas.

O general Lamarque lhes chamava de luxo militar inutil e superfetação embaraçosa. O proprio Napoleão, que foi o maior mestre da guerra, escreveu em suas memorias que « a barraca é insalubre e é sempre preferivel que o soldado bivaque ». E' grande o numero de notaveis auctoridades militares que são favoraveis á suppressão das barracas de campanha. Eu tenho, entretanto, as minhas duvidas, apezar de ter adoecido nellas e passado muito

bem dormindo ao relento durante mezes, nas nossas fronteiras, abrigado apenas por algumas follias de banana brava, que me protegiam da chuva. O uso das tendas-abrigo se perde nas brumas do passado. Os hebreus de Moysés armaram-nas no deserto, e Briscida, a bella captiva, morava na tenda de Achilles, armada perto das margens do Scamandro. Muitos e grandes homens de guerra preferem ás tendas os bivaques; talvez para terem mais á mão os seus homens. Aos soldados romanos, depois da fundação da cidade eterna, era prohibido armar barracas, até no inverno. O seu maior inconveniente talvez é augmentarem a carga do soldado.

Seja como fôr, o uso está estabelecido desde os tempos mais remotos, e a experiencia ha demonstrado que não são de tão grande monta os inconvenientes apontados pelos adversarios das barracas, que façam desprezar as vantagens, que ellas offerecem ao soldado, quando as chuvas se prolongam e o frio aperta. Na campanha do Paraguay, prestaram-nos inestimaveis serviços, até para estratagemas de guerra, servindo para illudir a vigilancia do inimigo.

Depois de algumas semanas passadas no S. Francisco, embarcámos para o Daiman, abaixo da cidade do Salto. Si me não é a memoria infiel, foi alli que vi, pela primeira vez, no porto, o mestre da corveta *D. Isabel*, que naufragou no cabo Espartel. Era um homem rude, mas de ar bonanchão, grosso e alvo, apezar das soalheiras e das vergastadas frias dos pampeiros. Quem o visse em terra com a japona de panno piloto e a marcha compassada, como quem acompanha o movimento do navio e está sempre prompto a equilibrar-se contra as arfaduras e balanços, não podia deixar de afirmar que era um lobo do mar, que passava. Jovial e bom, tanto quanto valente e patriota, o Antonio Joaquim subiu rapidamente a official superior da nossa marinha de guerra e morreu gloriosamente no Tayé, chorado por todos os companheiros.

A nossa demora no Daiman não foi longa. Um dia, tivemos ordem de marchar para embarcar ponco abaixo do Salto e atravessar o rio Uruguay para Entre-Rios. De manhã, desarmámos o abarracamento e o regimento entrou em fôrma. Estavamos num alto, donde podíamos bem assistir ao movimento do exercito. Naquelle tempo, creio que não havia uma só machina photographica em todas as forças da Alliança; por isso, perdemos quadros interessantes, que a penna é impotente para descrever. Os batalhões de infantaria, que tinham feito a campanha do Uruguay, estavam affeitos ás marchas, e os bagageiros dos officiaes sabiam arranjar as canastrinhas nos cargueiros,

ajustando a retranca e o peitoral, apertando a cincha de modo a fixar bem a cangalha e cobrindo toda a carga com o ligal para abrigal-a da chuva. Aproveitavam os cargueiros dos officiaes para as suas barracas e *moafos* também. Os animaes não eram todos mansos e escoiceavam, bufando, quando começava o trabalho do ensilhamento.

Antes do tóque de avançar, quando os batalhões já estavam formados em ordem de marcha, occupando os seus respectivos logares, um ou outro cargueiro mais endiabrado disparava campo afóra com a cangalha debaixo da barriga, dando coices n'alguma mala, que ficava pendurada, arrastando-a por aquelles pedregaes, até romper as alças e reduzir tudo a estilhaços. Quando o corneta do quartel-general deu o toque do commando em chefe — *avançar* — e se puzeram em movimento os corpos, ouvia-se por toda a parte, alli e acolá, um clamor de imprecações dos bagageiros, pouco dextros, dos corpos de voluntarios e gargalhadas estridentes dos veteranos, que se riam das desgraças dos recrutas, que não sabiam o officio de arrieiros e deixavam que se espalhassem pelo campo os *terens* dos seus superiores.

Eu estava livre de catastrophes, porque com o meu reiúno formava uma especie de sabio Bias, e podia dizer como elle, quando saíu de Priena: — « Tudo o que possúo levo commigo ».

Gastou o exercito uma semana a passar o Uruguay para a margem entre-riana e armou as suas tendas no campo baulhado pelas aguas escassas do arroio Ayuychico, ao sul da cidade de Concordia.

Estavamos nos ultimos dias de julho; o frio tornava-se cada vez mais inteuo e as baixas aos hospitaes cresciam de dia a dia.

Entre as victimas daquella epocha, não posso esquecer um amigo querido e bom, o 2º tenente Vicente Polydoro Ferreira, filho do Paraná e uma das mais bellas esperanças do nosso joven exercito. Distinguia-se entre os collegas não só pelo talento peregrino e educação primorosa, como pela belleza physica e bondade affectuosa. Fazia-me recordar aquelles moços athenienses, que brilhavam na escola de Socrates. O frio matou-o, apezar de ter nascido numa terra onde cáe neve e o thermometro centigrado desce mnitas vezes a 10 grãos negativos. Dizem que lhe aprazia aquecer os pés ao calor de uma fogueira. Ficaram congelados. Sendo impossivel o restabelecimento da circulação, gangrenaram-se e fôram ambos amputados. Ha justamente quarenta annos que se deu essa desgraça, e o perfil elegante e nobre do joven official passa pela minha memoria, illuminado por uns tons de uma luz suave, através dos tenues véos de uma saudade, que ainda dura.

Foi-se para sempre o Polydoro e ficou sepultado na margem do grande rio com todas as suas esperanças, com todos os seus sonhos de gloria, que eram muitos.

DIONYSIO CERQUEIRA.

TOLSTOI E A AUTOCRACIA

Aggredido por Maximo Gorki e pela imprensa radical em vista da attitude inesperada contra o movimento libertador que sublevoou contra o governo burocratico as classes esclarecidas da Russia, Leão Tolstoi se defendeu dos ataques que lhe imputavam a defeza dos adversarios da liberdade.

—Esse homem—escrevera Gorki—se escravizou á sua idéa. Havia muito tempo, elle se isolára da vida russa e não prestava mais a necessaria attenção á voz do povo. Fui testemunha da visita feita a Tolstoi por um grupo de camponeses pedindo-lhe conselhos sobre a situação. Em vez de attender esses *mujiks* com informações praticas, elle se emmanhuiu em considerações sobre idéas que não sómente os camponeses, mas os nossos intellectuaes difficilmente assimilariam. Não se deve ligar importancia ás palavras de Tolstoi sobre a situação actual da Russia: elle paira muito longe della.

Mas o verdadeiro pensamento do grande velho de Yasnaia Poliana foi explicado nos seguintes trechos de uma carta:

«A Russia atravessa um momento historico. Uma guerra injustificavel, ruinosa de vidas e haveres, com derrotas contínuas, perturbações por toda a parte, grèves, motiis, assassinatos politicos, fome em perspectiva, descontentamento universal explodindo depois de muito tempo suffocado pela burocracia, teimosa e cega, desencadeamento da vasa da população, exasperação de todos—taes são os signaes exteriores da crise que flagella a Russia.

Tolstoi sente, como toda a sociedade da Russia, a impossibilidade absoluta a volver ao antigo regimen e a necessidade inevitavel de reformar a ordem existente.

«Mas—acrescenta elle—dadas as particularidades da nossa organização social, distinguindo-nos das outras nações europeas, não nos deveriamos limitar aos palliativos insufficientes, imitando simplesmente fórmulas politicas e sociaes introduzidas nos povos adeantados da Euaopa. A experiencia já lhes demonstrou a pouca consistencia. Devemos reformar a nossa vida social sobre outras bases: supprimindo a exploração dos operarios ruraes, privados, pelos respectivos proprietarios, do seu direito natural á terra. A necessidade dessa reforma está na convicção de todos os paizes do mundo

e penetrou a consciencia de cem milhões de camponeses russos.

Os nossos liberaes, os nossos revolucionarios encaravam o mal sob outro aspecto. As classes abastadas que não têm necessidade de trabalhar para prover á subsistencia de suas familias, não percebem o mal que as attinge assim como aos que as cercam, notadamente os operarios das cidades, o arbitrio da burocracia, a perseguição religiosa, a limitação dos direitos dos judeus, e, em geral, a falta de garantia da liberdade individual. Fallando do bem do povo, sómente têm em mira uma parte restricta, as classes abastadas e os operarios urbanos, e dirigem os seus esforços contra as manifestações exteriores do mal—a omnipotencia das auctoridades, violações á liberdade de consciencia, de palavra, de imprensa, de reunião. sem cogitar nas suas causas fundamentaes, esquecendo a enorme massa de população rural.

Assim procedendo, os liberaes e demócratas procuram, sómente, supprimir a camada superior do corpo social gangrenado, não o fazendo quanto ás condições de que resulta o mal.»

Para remediar, portanto,—conclúe Tolstoi—o mal fundamental, é preciso melhorar, ao principio, a situação da multidão camponesa, desaparecendo em consequencia o mal que ataca as classes privilegiadas e os operarios.

Era esse o pensamento do apostolo de Yasnaia Poliana, dirigindo-se aos que luctam pela conquista da liberdade politica para lhes indicar a mais proficua maneira de agir estabelecendo como preliminar indispensavel, a libertação economica da massa popular.

PAGINAS ESQUECIDAS

EÇA DE QUEIROZ

Faz depois de amanhã cinco annos que chegou a Lisbôa, a bordo de um vaso de guerra portuguez, o cadaver de Eça de Queiroz, fallecido, em Pariz, poucos dias antes. Exactamente quando aquella cidade recebia os despojos de um dos seus mais caros escriptores, o sr. Fiallio d'Almeida, o sumptuario estylista de Portugal, publicou um brutal e longo artigo, que transcrevemos para attender á curiosidade, realmente enorme, que, ainda hoje, desperta essa formidavel pagina. Duma só vez, pois que um trabalho de tal natureza não se divide, eis elle aqui váe:

Duma irmandade tuberculosa, que se foi indo, mais ou menos elegantemente, para as bolorencias do sepulchro, Eça de Queiroz tem sido, depois de uma irmã que resta ainda, a mais resistente vergontea da familia que o magistrado Queiroz creou entre os exemplos da sua proverbial e austera probidade. Conheci-lhe dois irmãos, (1)

Alberto e Carlos, dum dos quaes fui camarada d'escola e companheiro d'esturdia, em annos juvenis, e que com seus ditos mordentes, sua viveza macabra, suas fallas litteratiças, seu janotismo inglez pretencioso, dir-se-iam socialmente eucarregues de vulgarisar pelo mundo edições baratas do irmão José Maria, o grande homem da familia, nas duas phases de bohemia artistica anteriores á sagração que lhe veio do *Padre Amaro*

Eça de Queiroz foi sempre uma organização debilitada, um poste d'osso suspendendo fios electricos de nervos, este predomínio nevrotico explicando as sensibilidades d'estheta que lhe fizeram na vida litteraria o temperamento intenso de humorista, assim como na material em coisas de mesa, vestuario, amor, arte e conforto, um desses typos d'aristo, cuja degenerescencia recorda, pelas predilecções sensuaes, scepticismo delicado, inconstancia do dilettantismo, raridades frustes d'elegancia, o que trazem as chronicas sobre certos principes perversos da Renascença.

Quem via a sua cara chupada, verde terra, o seu bigode sem força, as temporas deprimidas, a bocca murcha, de sorriso rugoso, e como conjugando os beijos para uma especie de beijo vicioso—quem olhava essa figura de fadiga, marrêca de cansaço, bambaleante no ramerrão arhythmico dos passos—esses olhos de esclerotica enxundiaça, sem viço, em que toda a *verve* parecia vibrar na quasi contínua circumflexão das sobranceiras, essa elegancia de cabide, onde, pelo escanzelamento da figura, as sobrecasacas nunca cingiam, e as calças fluctuavam sem lhe caírem bem nas tibias de cegonha, mal diria que naquella apparente morte da vontade, sob tão valedudinarias quebreiras, estivesse um dos mais altos sensacionistas do Portugal contemporaneo, um espirito de facetas, refrangendo a civilização por paradoxos, um satanaz emfim, varrido da mocidade, absorto na idéa suprema de belleza, e morrendo, positivamente morrendo, como todos os artistas, de habitar, com aquella alma apollinea, esse desmantelado corpo de fantoche!

A sua agonia era já longa, datava de quatro ou cinco annos, quando a tuberculose hereditaria se lhe fixou ua fórmula mesenterica, a mais prosaica para um *dandy* amoroso da graça poetica, e a que mais offensivamente devia contundir os seus pudores de gentilhomem. Com intervallos pequenos de melhora, viveu todo esse tempo em supplicios de digestões intestinaes, mal ultimadas, febriculas nocturnas, irritações, suores, extenuantes insomnias, todos os rebates dum esperecer gradual de seivas e energias, de cuja noite abysmal, a certas horas, a face

verde terra e o olhar encinzeirado traíam o mortal presentimento.

Pela complexa tempera d'escriptor, pelo mundanismo da vida e das viagens, Eça de Queiroz é um caso de cosmopolitismo, raro bastante, senão único, na litteratura portugueza, e como tal o havemos de julgar, longe e bem longe da disparatada apothese dos encomios bombasticos, das farras exhibitivas dalguns jornalistas inconscios da justiça e rebeldes ao criterio do *justo meio*. Em 1878, escrevia elle, na *Renascença*, em artigo a respeito de Ramalho: «Ha quasi doze annos, appareceu, vindo parte de Coimbra, parte daqui, parte d'acolá, uma extraordinaria geração, educada já fóra do catholicismo e do romantismo, ou tendo-se emancipado delles, reclamando-se exclusivamente da Revolução e para a Revolução...». Esta geração nascera, toda a gente o sabe, da bestificação em que caíra, por mingua de creadores originaes, a litteratura portugueza, reduzida a traducções de poetas latinos e á immundicie do elogio mutuo, causas longinquas da dessidencia coimbrã contra o pontificado de Castilho, codificada principalmente no pamphleto d'Anthero, *Bom senso e bom gosto*; e touára fóros de grupo dirigente, no *Cenaculo*, especie de bohemia artistica formada em Lisbôa pelos insurrectos de Coimbra, já bachareis e sem emprego, de roda aos deslumbraamentos do cavaco d'Anthero, cujo mysticismo metaphysico fazia delle nua especie de genio perturbante, illuminado, ajuntando-se-lhes outros de proveniencia vária, de rustilhão com alguns janotas simplesmente interessados de figar, pela evidencia, modo de vida ou casamento. Não posso mesmo affirmar que o *Cenaculo* tenha tido existencia de sociedade litteraria ou centro de cavaco regular; por ventura, a palavra não passaria dum modo de designar, na litteratura nova dentre 1866 e 1872, o grupo preponderante, vivendo em communidade de patuscadas e d'idéas, e celebrando polemicas e conferencias um pouco ao acaso dos encontros, nalguma esquina celebre, num botequim nocturno, em casa dum, em casa doutro... O certo foi que deste grupo saíram, por suggestões do espirito organisador de José Fontana, as chamadas conferencias democraticas do Casino, de que se fizeram poucas, por o duque d'Ávila as ter mandado cessar quando se ia discutir materia religiosa, e que, a proseguirem, teriam feito nos cerebraes nua renovação mais rapida d'idéas a avançar de muitos annos o ramerrão philosophico e artistico da terra.

As conferencias do Casino fóram, como mais tarde as duas reuniões preparatorias do *Grupo Republicano de Estudos Sociaes*, o rebateduma consciencia nova, formulando

na morrinha nacional, sêdes d'ar puro; a rotina governativa, sempre acanhada de andar por mãos de caixeirólas politicos, asphixiou-as á nascença, o que nem foi preciso fazer aos vagidos do Grupo, circumscriptos á divulgagão dum programma curto d'estudos, que ninguem inaugurou, de sorte ao Grupo morrer bem antes de ter nascido, no meio das chufas da pulhastria da imprensa e da má lingua, sempre irritadas pelo advento de qualquer idéa intelligente.

A conferencia d'Eça de Queiroz chamava-se *Realismo na arte*; ali se punha a theoria de Proudhon, modificada, talvez, no criterio do artista pela resplandecente idéalidade esparsa da *Comedia Humana* e dos romances de Stendhal e Flaubert. Assim como, quem historiar, na litteratura portugueza, a renovação romantica, tem de deter Garret, Castilho e o illustre Herculano, como avocadores desse periodo à *la fois très arbitraire e très exalté, surtout sublime...*, diz Bourget, trazido por elles da emigração e das leituras, com a sua necessidade de sensações intensas, á nostalgia das grandezas, das decorações sumptuosas, do exotismo huguesco e byroniano, dos typos excepcionaes e das fortes seivas physicas, focadas pela selecção das guerras napoleonicas — assim, quem entre nós disser do realismo, recordará por seu turno o grupo do *Cenaculo*, como aquelle de cujas assimilações litterarias e criticas brotou a, poderemos dizer, moderna e ultima renovação das letras patrias, emquanto se não definir outra que normalmente possa derogal-a. Nesta sorte d'*émeute* intellectiva punha-se a urgencia d'alliar a philosophia á poesia, que, deixada ao subjectivismo metaphysico, ia forçosamente resvalar num pessimismo mystico e idiota—reclamava-se uma philosophia inspiradora, indispensavel a toda a concepção esthetica, e disciplina critica que, applicada á historia, á philologia, ás tradições, aos costumes, aos idéaes e ás tendências, engatasse Portugal ao formidavel comboio da Europa activa, «evitando, diz Theophilo, a especialisação que amesquinha as intelligencias ou a dispersão incoherente dos estudos, que leva á banalidade acobertada com o verniz do estylo». Referindo-se á gente do *Cenaculo*, dizia Eça de Queiroz, no artigo da *Renascença*, já citado: «esta geração tem o aspecto de ter falhado». Falhar, nem toda. E' mesmo das borregadas litterarias que mór numero de trabalhadores tem produzido — veja-se a obra d'Oliveira Martins e de Theophilo, de João de Deus, Eça e Ramalho, alguns livros d'Anselmo d'Andrade, os profundos sonetos d'Anthero, e coisas dispersas mais, obra minuscula que não vem agóra destrinçar.

Eça de Queiroz, bacharelado com o seu R. de cabula mergulhador e jogador de porta d'inquilino chronico da *coelheira*, facilmente acceitou, á volta de Coimbra, (como ainda não fôsse celebre e nem sequer rico nascesse) nmas destas dobradiças que a politica tem sempre ao dispor das vadiagens que promettem. Desde a saída das aulas e a vinda para a casa dos paes, um pouca murcha, visto não abundar o dinheiro, e elle sentir, nitidamente, no conflicto da vida, a irrisão da carta de bacharel—desde a saída das aulas que começára a mostrar, na *Gazeta de Portugal*, primicia dum estranho amujo d'arte, manando em preciosas paginas poeticas. Quem fôr ler esses bocados errabundos, dum estylo fluido, francez, volitando em *boutades*, e todo cheio de maravilhosas azas que o baloçam, a elle — humorismos, payzagens, historias phantasticas, visões onde o romantismo francez e o humorismo inglez se dão o braço, onde João Paulo surge entre Carlyle e Michelet — coisas de sonho, coisas de humor, coisas de tédio, em que peróra o bacharel foragido da magistratura pelo R, e se allucina o cerebro do antigo leitor de Quincey e de Pöe, para logo diagnostica um temperamento acido d'estheta desdenhoso, de narrador estudando as trivialidades da vida á luz duma especie de logica sardonica de doido, e na parte biographal o preparo lento, antigo, que desde Coimbra elle secretamente cumulava, para surgir em publico, escriptor feito. Tentou minal-o, disse, a camarilha partidaria.

Redactor de um jornal politico em Evora, em que julgo collaborou depois João de Deus; administrador de concelho em Leiria por alguns mezes, ali soffreu directamente a quietação deleteria da provincia, onde, sob artificios de hospitalidade e bonhomia, os fermentos da velhacaria humana misanthropisam cedo as almas delicadas, pois lá a perversidade lorpá tem um rechaço grosseiro que os bons ruraes não sabem mascarar sob esses *abat-jours* de côr ironica ou graciosa que a civilisação lhe põe para fazer supportável ás pupillas doídas e sensibilidades estancadas. Em Evora, veria elle o fundo de intriga padresca que no *Padre Amaro* move, de roda da egreja de Leiria, onde até figuras, como as Gançosos, o Libaninho e o sr. Chantre, algumas com os seus nomes, são recordações pessoas da sua fastidiosa vida de jornalista trastagano.

De administrador de concelho em Leiria, onde um namoro com mulher casada lhe deu, por algum tempo, o papel, um pouco almasso, que tem mr. Léon, na *Bovary*, Eça de Queiroz passou para as esquinas da Havaneza, a fazer concurso de consul, derreado pelo nihilismo bestificante do campo,

e a irritação d'orgulho causada pelo meio bossal daquelle burgo d'agricolas, onde as suas preocupações de traço passavam por toleima, e a terível, posto refreada, ironia do seu labio, chamava o odio das victimas a uma conspiração de calunnia sempre alerta. A' entrada em Lisbôa, trazia começado o seu romance *Crime do Padre Amaro*, que viu luz na *Revista Occidental*, em 75, numa versão com todos os mordidos da moldagem primitiva, esses barbarismos pictorescos, duma sensibilidade hiper-aguda, tropeçando em obtusidades de prosa inexperiente, esses néologismos de fórma gravativa que um novo encontra para enquadrar a idéa, fresca, a escorrer vida, nos instantaneos da expressão—e que para os artistas, como peça de processo, é a mais bella das tres fórmas que Eça de Queiroz deu ao romance, nas successivas edições em que appareceu.

A idéa do *Padre Amaro* viéra-lhe em Coimbra, estudante, servindo, como disse, os desteros provincias para o proverem de notas, detalhes, typos com que vestir a acção e povoar o quadro de figuras. Longo tempo, o manuscrito andou pelas gavetas e malas de viagem, hibernado, trabalhado pelo escriptor na angustia do segredo, cerzido e accrescentado no meio das folhas de gestão que faz o cerebro dos nervosos, alternativamente estúpido e vidente, segundo a aura em que a columna atmospherica, a humidade do ar, o repouso da noite, a digestão e os ventos dominantes lhe modalisaram o espirito doente: e já o *Senhor Diabo* e as *Singularidades duma rapariga loira*, a primeira narrativa realista escripta em portuguez, tinham vindo, com o seu estylo desarticulado, kodakisado do real, cheio de ironia aguda e lyrismo pessimista, espavorir a chapa rotineira das artes d'escrever em Portugal, a ponto do proprio Herculeo repulsar o bocado como «uma traducção peor de francez pessimo», o que bem mostra o abyssmo que, tão perto ainda, separava já as duas epochas.

Com a permanencia de Queiroz em Lisbôa, a aguardar a nomeação de consul, promettida, resultou a collaboração das *Farpas*; com Ramalho, que tiveram em Portugal e Brazil, voga notavel, e foi moda seguir como evangelho de *dandysmo* e *bel esprit*. Essa collaboração se acha hoje em separata de volume, appensa á edição nova das *Farpas*, sob o titulo d'*Uma campanha alegre*, me parece, e ali se confirmam e robustecem as qualidades que os artigos da *Gazeta de Portugal* prenunciavam: uma juvenil desenvoltura, a phantasia scandinava, ultra-poetica, um estylo de nervos e d'esgares, uma verve de paradoxos e contrastes; sómente a mão do escriptor é mais feita, e ganha justeza a fórma, brunhindo-

se de flexuosidades d'aço e d'oiro fino.

Em 1872, ficaram as *Farpas* exclusivamente entregues a Ramalho, que iniciára uma especie de phase scientifica, apregoada por Theophilo como inspiração «da forte disciplina mental recebida no curso de Philosophia Positiva, de Augusto Comte» — patacoada de mestre demasiado baboso pelo alumno, e que certo fará sorrir quem conhecer essa quadra inferior do pamphleto celebre, que não podia fazer pensar os antigos fieis, com biologices e sociologices da bibliotheca de *dois sous*, e por outro lado perdera a graça, o *dandysmo*, o riso, o encanto litterario, em detrimento de missões para que o seu redactor não estava preparado.

E' tambem deste periodo (1870) o romance epistolar *Mysterio da Estrada de Cintra*, que os dois amigos escreveram para o folhetim do *Diario de Noticias*, barullhada emocional, escripta sobre o Joelho, mas desgrenhadamente brava e antonyesca, com os seus lances patheticos, seus quintos actos candentes, sua condessa loira, seu cadaver d'inglez num cuté mysterioso, seus mascarados fidalgos, sua hespanhola ao mar, seu corsario correndo a plenas vélas, que fez bater o coração de muita gente, e é o ultimo adeus, ironico embóra sob as lagrimas, do romantismo congenito dos auctores — romantismo de herdança e encerebração inconsciente, apezar da cultura moderna e suas profissões de fé naturalista—e que em Eça de Queiroz, ainda ultimamente, na fabulisação dramatica dos *Maias*, mostrava o topete grisalho familiar, *ga-ga*, como quem diz: «hei de morrer na casa só por teima...». Ali por 1872 ou 73, Eça de Queiroz foi despachado consul para a Havana, e, dessa epocha até a morte, (isto é, durante os vinte e sete annos mais fecundos e melhores de sua vida) nunca mais viveu em Portugal senão por férias de dois, tres, quatro mezes, o maximo, separadas por tres e quatro annos d'ausencia, e na mais completa desatenção pela transformações radicaes que, durante esse tempo, a sociedade portugueza ia sofrendo. Essas vindas á patria, passava-as Eça de Queiroz em Lisbôa, num quarto andar do Rocio, ou, depois de casado, no Porto, a dormir de dia, almoçando á noitinha, e a saír, só quasi depois do lusco-fusco, á palestra com velhas relações, ou nos restaurantes, com admiradores, de quem elle se deixava cordialmente approximar, despresando-os com a elegancia mais polida, té que a manhã clareava os vidros dando de mão á comedia litteraria.

A este periodo de vinte e sete annos, fóra de Portugal, pertencem os seus romances e trabalhos de mór folego, como o *Crime do Padre Amaro*, o *Primo Bazilio*, o *Mandarim*, a *Reliquia*, as *Cartas de Fradique Mendes*, os prefacios do *Almanack Encyclopedico*, a *Illus-*

tre Casa de Ramires e alguns escriptos mais que se diz deixou inéditos (2). Escorrida a summula do que antigas e aturadas leituras daquelles livros me permitem pensar sobre o seu merito, concisamente direi de cada qual só o bastante á illucidação do meu juizo geral sobre a gloria do escriptor, sua categoria hierarchica na série, e do seu papel na epocha em que veio. E' a maneira de, com o espirito de justiça que me guia, a penna se me não tresviar pelo meio das ballelas parvas dos jornaes, e dos que me lereu sentirem o quanto a minha imparcial razão pede equidade para os mortos, retirando a uns o exaggero de gloria que outros, maiores, desconheceraam — mais perto do nosso coração e na nossa raça — á hora de morrer tragicamente.

Crime do Padre Amaro pôde chamar-se, em romance, a obra capital do romancista, que, tendo podido estudar o thema em pleno fóco de beaterio nacional, enquadral-o em fundos nossos, fez, por esse facto, uma obra integra, a que, todavia, faltam o realce duma intensa psychologia dum estylo feito e duma linguagem escrupulosamente castiça e portugueza. A Oliveira Martins, cujo senso critico, em obras de imaginação, não valia grande coisa, ouvi, todavia, dizer, lucidamente, que «era este o unico romance que Eça trouxera no ventre, e tudo mais eram trabalhos de humorista.» *Primo Bazilio* é um caso de adulterio num meio de pequena burguezia. No artigo sobre Ramalho, (*Renascença*) leio os seguintes periodos: «seria, diz Eça, um romancista extraordinario, si fosse psychologo como é desenhista e tivesse o instincto certo do momento dramatico, como tem a visão exacta da attitude caracterisante.»

«Uma obra admiravel que elle poderia fazer, seria uma larga caricatura da epocha, á *Pichswich*, dando apenas as superficies da vida, as grandes linhas, pondo em relevo, com uma factura ampla de contornos grossos, o comico contemporaneo.»

Coisa interessante vem a ser que, neste projecto d'obra jocosa, alvitado ao amigo, melhor, muito melhor do que idéa complexa de romance, se podem catalogar o *Primo Bazilio*, os *Maias*, e as molduras comicas do *Mandarim* e da *Reliquia*, que são, antes, humoradas crueis de diabo côxo, judiarias de picaro em licença de vinho iconoclasta, irmãs gemeas das caricaturas de Bordallo, do que propriamente sustancias dramaticas autopsiadas sobre o vivo, fatias de mundo, latejantes do golpe, a escorrer o sangue arterial da força viril, do instincto amoroso, da consciencia critica e da acção.

Sobre os *Maias*, juizo identico ao de *Bazilio*: uma galeria estranha de grotescos, *retratos-charge*, ligados por um fio de melodrama inverosimil, que dir-

se-ia visto em certos actos internacionaes de peças de Sardou (3).

A mais completa ausencia de vida interior nos personagens, que quasi todos falam, procedem, pensam, segundo alguma falha moral d'irresponsaveis, com a vida da ironia litteraria do auctor, e a força de negação que nos faz agradecer a Deus, a providencia de nunca a sua obra poder vir a tornar-se popular.

Não conheço da *Casa Ramires* senão bocados da *Revista Moderna*, pouco seguidos, que me deram a impressão de fundos de gaveta e restos de pachorra prosante, com assignaladas asthmas d'entrecho e bastantes rugas de precoce antiguidade. Porque *Eça de Queiroz* o reviu, e dizem que refez, resalvo juizo ingrato, esperando que uma edição livresca m'o esclareça a toda a luz.

Do *Mandarim* e da *Reliquia*, que dizer? Em ambos a narrativa phantastica são duma moldura trocista de casa de hospedes e coio de beatos, repisada do serão da S. Joaneira do *Padre Amaro*, (o tal romance que *Eça de Queiroz* tinha no ventre) e até com typos identicos que mal dispõe o leitor, com suas grossas mordacidades e garotadas d'escolar, a sugerir-se o crepusculo d'assombro sob que deve ser recebido, num, a corrida macabra por Pekin; no outro, o sonho historico da Judéa de Antipas Herodes e Jesus Christo.

Dada essa impressão geral das obras, d'*Eça*, publicadas em volume até agóra, fixemos num succinto quadro o resumo das suas qualidades boas ou más de homem de letras. A primeira coisa que salta é a pobreza structural do estylo e a miseria profunda do vocabulario repisado. Comparando trabalhos de maturidade com os primeiros ensaios da *Gazeta de Portugal*, e edição primitiva do *Padre Amaro*, sente-se que o escriptor, neste campo, declinou, ou, melhor talvez, não progrediu, e que a abundancia e finura dos motivos pictorescos, realçadas nestes primeiros escriptos, não fôram supridas, á proporção que iam murchando, por nenhuma dess'outras qualidades de factura que traz a pratica d'escrever, lapidadora da fórma, variadora infinita das cadencias, que enriquece o rythmo, areja e precisa, nas suas arestas de rosa, a joia do vocabulo, transformando, pouco a pouco, o teclado rude da palavra, num maravilhoso aparelho registrador de sensações e notulações do *eu* vibrante.

Quem, por exemplo, ler de seguida o *Primo Bazilio*, a ultima edição refundida do *Padre Amaro*, os *Maias*, as molduras grotescas do *Mandarim* e da *Reliquia*, e a introducção das *Cartas de Fradique Mendes*, não pôde furtar-se a uma impressão de lazeira monotona, de fadiga acustica, ante esse es-

tylo d'impressões physicas, mordacidades destructivas, vivazes sem alcance,—estyllo de periodos curtos e, ás vezes, pelos rebocos successivos da recópia, pouco nitidos, cuja estructura derreada se repete em rozarios d'orações identicas de rythmo, sem inverções nem cadencias, traíndo o esforço duma observação sem subsidios, e a amnesia da phantasia que, perdido o habito do sonho, não pôde mais, pela secura congenita, recorrer ao sentimento.

Tudo isto resulta do precoce esgotto myelasthenico e cerebrasthenoico do romancista, que sendo, de nascença, um fraco, creára desde moço necessidades sensuaes que haviam de lhe desbaratar a força neurica antes de tempo.

De facto, perdido o estomago pelo habito dos exotismos culinarios, das ceias artistas, té de mauhá, com vicios loiros, cortados pelo esforço horrivel de ter graça entre dois males — falseada a hygiene do trabalho, que nos homens de penna cada vez mais requer viriculturas sollicitas, desinfecções moraes, meticulosas — a ancia d'amar, eleganciar, viver, feita centupla, o pobre neurasthenico achou-se subito com uma pavorosa despeza de força, para o que dez mil calorias como a sua seriam talvez pasto mesquinho na devorante fornalha que o ruía.

Deste esfalfamento precoce, a derivante primeira é embotar-se-lhe a phantasia lucila dos primeiros trabalhos, essa japonezice estranha que ás vezes passa na curva de certos periodos seus, damasquinando a seda dum oiro velho de *foukousa*, e não lhe ficar, para o aperfeiçoamento da fórma, esse retardatorio instincto de pureza castiça que, sem excluir nervosidade, fizesse do seu estylo, um estofo unido, electrico, drapejando em pregas nobres, elastico de trama como a gaze, espumando o ar da graça rosea, do néologismo technico, da modernidade perversa sob o contorno antiquado em que as artes d'escrever desabrocharam desde a intervenção do objecto d'arte na vida do poeta e do escriptor. Outras ruinas após fazem sequencia: o equilibrio das faculdades creadoras perdido a ponto delle em certas obras, (nos *Maias*, por exemplo, e alguns capitulos da edição refundida do *Padre Amaro*) ver primeiro que o espinhaço do entrecho, detalhes incoordenados, episodios secundarios captivando-o pela mancha, pelo escandalo da *charge*, ironia perversa do paradoxo: toda a noção de drama, isto é, d'acção, reduzida, por vezes, a librettos de farça e fabulações, de melodrama, sem mór escrupulo pelas realidades da vida, e força cohesiva da logica, num fim pueril de galvanisar enormidades de satyra, que para logo lhes tiram todos os visos de razão... Pelo dialogo, poucas vezes o caracter

dos typos se retrata: umas vezes, invade-os a *blague*, ou a liulia moral em outras se desmente, a tropeçar em contradicções dum profundo vasio psychologico; o que elle apercebe das fallas é o detalhe que julga caracteristico, e quando muito se queda em pictoresco; ou as figuras não fallam e é elle que váe contando o que ellas dizem, esmaltada a resenlia dalgum dichote ou phrase realista, que só, porém, recorta a silhueta externa, dá o contorno do vulto, e una ou outra vez as arrebanha em grupo, e dá semelhanças atavicas de classe, sem, todavia, fixar por dados psychicos infinitas successões d'estados affectivos, equações d'algebra moral, aquillo que se lhes poderia querer do typo vivo, inconfundivel, uno e sem irmão na série psychologica. Claro que um estylo assim bohemio, de visão quasi exclusivamente phisica e monotona, e vocabulos exiguos, poucos, pintando mal, orchestrando peor a musica do periodo, estylo anti-grammatical, pouco desenvolvido no systema osseo, puído de cosmopolitismo, co'a lingua grossa da regurgitação franceza, indigerida, raro será apto a exprimir do homem mais que a besta obrante, a descrever-lhe os costumes, o passo, o porte, idas e voltas no ergastulo da vida, a sarabanda toda das modalidades exteriores — isto em detrimento dessa sensibilidade intellectiva, analytica, que attingem outros, como Balzac, Stendhal, Tolstoi e Georges Elliot, á força de reflexão pessoal, d'interpretações eruditas, contínuas, do proprio *eu*, chegando a colleccionar factos moraes como quem collecciona *bibelots*, e a authenticar em finas plurigraphias chamadas romances, todas as doenças moraes do homem moderno, missão superior das litteraturas contemporaneas. Na especie de secura precóz a que pendera, mercê desses vinte e sete annos longe do canto de terra escolhida para theatro das suas fabulas e pinturas, a mesma payzagem em que era eximio prosaísta (como a fórma não seja senão um capricho de côr, particular) e de que ha no *Padre Amaro* e no *Mandarim*, tão lindos pannos decorativos, a mesma payzagem parece que perdera nelle a idyllica frescura, o *impromptu* matinal, arco-irradiado, revertendo a descriptivos, como a payzagem de Cintra e corridas de cavallos dos *Maias*, donde a emoção debanda a açoites de humorada, na acidez dum espirito que regatêa a este amado paiz, até a gloria do sol e a magica ridente dos seus campos.

A falta de temperamento philosophico, cultura philosophica, deviam leval-o, disse, a ver por fóra em vez de olhar para dentro; em vez dum psychologo frequentador de todas as horas do homem, á procura do *eu* determinista, em vez dum creador d'almas, como os grandes — a sua orgnisação

discursiva, a sua impressionabilidade cortical do detalhe physico e da palavra viva que o releva, o fôram transfazendo, pouco a pouco, num chronista mephistophelico de vicios, num pintor de genero, algo maldoso, ou, se mais de largo querem, num romancista de costumes. Sudermann, Hauptman, Strindberg, Ibsen, Bjørnstjern-Bjærnsen, Tolstoi, Dostoiewsky, Henrik Sienkiewsky, Gogol, Gunard-Heiberg, Balzac, Stendhal, Shakespeare, Georges Elliot, Arthur Pinero, François de Curel, são pintores de caracteres, vendo de dentro para fóra o homem espirito, nas suas catastrophes de sentimento e decomposição da vontade, soffrer a lei ironica que lhe domina todas as fallazes energias.

Sacher Masoc, Knut-Hansun, os dois Goncourts, os dois Marguerittes, Paul Adam, o proprio Zola, com o seu registro de impressões nervomaniacas, os seus detalhes intensos, a sua paixão do descriptivo, (brique-à-braquismo, payzagismo) e aquelle estylo renovado incessantemente em dictionarios d'artes e officios, construcções rebuscadas, notações extravagantes, são romancistas de costumes, vendo de fóra para dentro o homem de relação, comparsa ridiculo num drama cosmico gigante, fantoche movido por sensações e instinctos bestas, e que assim surge no drama ou no livro, como esses bonecos cortados num fundo opaco, e feitos valer á luz pelos contornos.

Os primeiros, ou escriptores d'idéas, dizia Balzac, representam os personagens em relevo, consegue dar-lhes autonomia moral, fazel-os unos; os segundos, escriptores d'imagens, só sabem caracterisar medianias, os costumes e traços por onde o homem se assemelha a uma classe e resabe ás pechas da sua profissão. Neste grupo de romancistas de costumes, os typos são sempre poucos, por se não tratar d'almas diferentes, mas de documentos duma certa vida quotidiana—poucos, e esses poucos vulgares, sem noblificação nem epopéa—; o drama, ou falta, ou em vez dum nucleo d'acção, é apenas pretexto chlorotico de *kodaks*; a psychologia, curta, porque não ha curiosidade das situações do coração, todo o esforço cifrando-se em fazer render a sensação pictoresca, cujo primeiro rosiclér é a fórmula, que attráe o leitor pelo byzantinismo do vocabulo, mordacidade mais ou menos vivida da critica e bizarría artistica da syntaxe. Eis o caso desse terrível Eça de Queiroz, que de mais teve sobre os representantes equilibrados do grupo, o predicado da ironia corrosiva, do rir, sem echo, de caveira e de mascara, por onde a blasphemia baba como por uma bocca de *voyou* que tivesse nascido gentilhomem.

Eis o que, com pequenas variantes,

percebe, nos romances e contos do escriptor, quem lá fizer leitura comparada e paciente: mui poucos typos, que, desenvolvidos ou retraídos, são, por todos os livros, versões de tres ou quatro manequins invariaveis (4); uma certa importancia dada á descripção, sobretudo nos *Maias*, no *Amaro* e na *Reliquia*; mui pouco drama, que a não ser no *Padre Amaro* e *Primo Bazilio*, é uma fabula incoherente, ligando mal instinctos bestiaes; a cada instante, a interferencia do pamphletario, demolindo com chufas a bôa fé do leitor quanto á illusão real da narrativa; e como qualidade avassaladora, suprema, a ironia, aggredindo por vicio d'educação, por frialdade de sangue, por *ignorancia negadora*, e que seria tremenda se tem sido posta ao serviço duma philosophia profunda, e duma moral d'instinctos definidos. O homem para elle é uma machina do tempo ainda da mechanica rude, movendo-se por grosseiras sensações e instinctos porcos, deboche, avareza, inveja, gula: a vida, sem idéal, não levanta o olhar aos vastos céos, nem estreluz d'esperanças pantheistas, é uma coisa triste, réles, reduzida a malandrices, com intermitencias de luxuria, num meio duma natureza cumplice que parece refocillar-se no humus de todas aquellas immundicies. Dos enigmas da alma moderna, onde, diz Bourget, parece que «toda a superioridade faz chaga, toda a complicação, dôr, e toda a riqueza, miséria» — dos phrenesis grelhantes da duvida, dos esperecimentos da personalidade e da vontade, que pelo tempo fóra se vêem chamando neurose, pessimismo, nihilismo, mysticismo—do excesso, emfim, do elemento morbido, em detrimento do são, reparador, que tantos problemas intimos explica, Eça de Queiroz nada commenta, perscruta, entende ou interpreta, d'entretido c'os fantoches autobiographistas do seu escarneo, movendo-se no despaizamento do seu cosmopolitismo de consul enojado da terra que lhe paga e chama filho, entre os saltos mortaes duma ironia que faz luxo em deformar p'ra estarrecer, e as incertezas da memoria falseada por vinte e sete annos d'ausencia, longe da raça tolerante de que elle se fez, ao mesmo tempo, parasita e algoz, e cuja vida julgou chineza e decomposta, só porque ao seu *dandysmo* desprouve reestudal-a com impassibilidades de philosopho e pudores austeros de moralista. Se me perguntarem agóra qual a moral dos romances e grandes livros de Queiroz, que hei de eu dizer? Qual é a moral naturalista, zolaica, que põe as creaturas como pilhas d'instinctos, molhos de forças naturaes, travando luctas onde a mais bem armada dellas é que vence? Que da narrativa impassivel destas luctas, sáe, por contraste, uma força de protesto, talhada em as-

piração do homem para um idéal de graça que lhe foge? Bom Deus! mas impossivel subordinar os romances de Queiroz a uma tal lei!—Daquellas forças e instinctos, só um numero pequeno atravessa as organizações taradas que elle avóca, e tão fugidias, essas, que quasi não fazem eixo no typo, desmentindo-se, incoherensian-do-se sempre que isso convenha ao improviso sardonico do romancista. Amaro e Carlos da Maia, dois voluptuosos sentimentaes, descambam em odientos bilhostres, quando o primeiro, farto d'Amelia, quer della descartar-se, e quando o segundo, sabendo-se irmão de Maria Eduarda, continúa a ser o seu amante. Além disso, na obra d'Eça, a aspiração idealista é imprecisa, raras balbuciações a denunciam em vagas fórmulas que nem sequer formulam sonho, pois a ironia, egoista, não quer ver Triboulet chorar no meio da orgia dos senhores. Direi então que Eça de Queiroz, pelo temperamento de garoto, pelos phrenesis da vida gosadora, e desmazellos da educação litteraria e scientifica, nunca conscientemente pôde realisar vida superior, uma autonomia moral e mental onde os germens de litteratura social que porventura haveria no seu genio, desabrochassem em obras fortes, autopsias d'alma, musculaturas de luctas, raivas d'interesses, o todo por sequencias de razão critica, numa sciencia profunda de relações e de conjunctos. Assim, mercê das futilidades dum espirito que ficou sempre embryonario, as qualidades fortes, que originariamente seriam muitas, pelo cosmopolitismo de artista, venho a dizer, vinte e sete annos de exilio propositadamente isolado de toda a observação e constatação da vida patria, só deram abortos; e só as outras vingaram, mas mesquinhas, deformando-se, por exemplo, em chufa a ironia sem força philosophica; em catitismo, o *dandysmo*; em virtuosidades de quadrista episodico, a mais nervosa força litteraria modernamente vista em organização d'artista portuguez...

Talvez não valha a pena, depois do que dito fica, averiguar da capacidade critica e philosophica do romancista; mas quem se quizer prover de razões p'ra julgar certo, folheie na *Revista de Portugal* as *Cartas de Fradique Mendes*, particularmente a especie de biographia que do pretendido Brummel, Eça de Queiroz traçou, sobre reminiscencias do *Cenaculo*, dos *vencidos da vida* e do *dandysmo* ridiculo de que nunca pôde emancipar-se. Tal como o romancista queria dal-o, Fradique era o typo synthetico, idéal, das perfeições da epocha decursa entre os finaes do reinado de Napoleão III e a actual quadra democratica: especie de homem-Larousse, de figurino polyedrico

de todos os *records* do espirito e do corpo, d'Adonis philosophico e cyclista, d'Ashaverus fisgado em Belac e Jeronymo Condeixa — crystallisação do que Eça julgava ser o complexo de perfeições do habitante superior da Cosmopolis, a cidade-resumo das civilizações livrescas de Pariz.

Oriundo dos Açores e com a ascendencia morgada d'Anthero, o idolo do grupo, bacharelado em Coimbra, na contemporaneidade da tia Camella e das diatribes a Castilho — lendo os *Chatiments* no Penedo da Saudade, á lua, entre guitarras, commungando a «arte nova» de Lecomte de Lisle, Mallarmé, Dierx e Baudelaire, (dito *fumista* ao tempo, por alguns) — com a monomania de Pariz a desnacionalisal-o antes do buço adoptando a camisa vermelha de Garibaldi e a philosophia particularista de Proudhon — indo quatro vezes á Arabia, por causa da archeologia, e nenhuma ao Algarve por causa d'Ossonoba, chorando a perda da Alsacia e Lorena e ignorando, diz Prado, num artigo da *Revista Moderna*, «até que ponto, pelo seu desleixo, Portugal estava prestes a perder em Africa territorios que eram dezenas e centenas de Alsacias e Lorenas, proprias e não alheias» — indo sem *orientalismo* serio á Terra Santa pollucionar nas ruinas o crevetismo francez, com raboras pintadas do *boulevard* — clarescurando o typo com remoques da gente do *Cenaculo* e dos *vencidos*, já murchos uns, sem critica exacta outros, e quasi todos brigando, pelas diversidades d'origem, em vez de nos darem desse espirito uma idéa de todo inconfundivel, — Fradique Mendes, que principia poeta e acaba tolo, que atravessa as regiões da idéa forçando o bronze de todos os arcanos, vibrando ás religiões e ás sciencias, paradoxos — Fradique, de que Eça faz um tecedor jocundo de sophismas, da raça ironica dos despotas affeitos a thronar sem competencias — Fradique, querendo ser o typo idéal do homem moderno, generalizador e artista, amoroso e encyclopedico, nada mais consegue, pelas defficiencias psychicas do romancista, sem anglophilia de mulato, sua paixão estrangeira de renegado, seus catitismos de alfacinha, do que realisar um caso fruste de *poseur*, um destes philosophos do *Monde où l'on s'ennuie*, elegantes, parvos, e de cuja vacuidade se parte para bem desoladoras conclusões.

Oh, desoladoras, se folheando essa biographia curiosa, teimarmos em querer ver luzir no craneo d'Eça um espirito de pensador vasto e profundo!

Fradique sabe tudo, estuda, entende e pratica tudo; babista no Oriente, para «desvendar o babismo»; positivista, queimando incenso e myrrha «na ara da humanidade», com os positivistas rituaes, nos dias festivos

de calendario comtista; theosopho, nas paginas da *Revista Espirita*; nihilista, com o principe Koblaskini, antropologista, linguista, occupado de religiões, litteraturas, direito celtico, magia chaldaica, povoações lacustres, sellos. Não lhe resalta a transcendentalidade, porém, de tres ou quatro traços lampejantes, como seria mistér para o transformar num symbolo lucido, senão por diffusões, incongruencias, parola, resvala no conselheiro Acacio a serio, uma especie de cretino megalomano que nos põe a alvitar bem pobres coisas sobre a mentalidade superior dos taes *vencidos*.

Querem saber, por exemplo, como Fradique teve a «paixão da Historia»? Aos onze annos, a avó mandou-o para a escola; dava-lhe um pataco para bolos, e o jardineiro levava-o pela mão. «Este creado, este pataco, estes bolos, eram costumes novos que feriam o meu monstruoso orgulho de morgadinho — por me descerem ao nivel dos filhos do nosso procurador. Um dia, porém, folheando uma *Encyclopedia de antiguidades romanas*, que tinha estampas, li, com surpresa, que os rapazes de Roma (a grande Roma!) iam tambem para a escola, como eu, pela mão dum servo, denominado o *capsarius*, e compravam tambem, como eu, um bolo na tia Martha do Velabro ou do Quirinal, para comerem á merenda — que elles chamavam o *ientaculo*. Pois, meu caro, escreve elle a Oliveira Martins, no mesmo instante a veneravel antiguidade destes habitos tirou-lhes a vulgaridade toda que nelles me humilhava tanto».

A razão da compra duma quinta não deixa tambem de revelar a phase acacial a que o Eça philosopho propendera.

«A compra da quinta do *Saragoça* em Cintra, realisára-a Fradique para se prender mais, e pelo forte vinculo da propriedade, ao sólo augusto donde um dia tinham partido, levados por um ingenho tumulto de idéas grandes, os buscadores do mundo, de quem elle herdára o sangue e a curiosidade do *além*!»

Em culinaria, tráz esta mirabolante opinião: «o parlamentarismo e o constitucionalismo estragaram em Portugal a cabidella de frango».

Fradique, saloia dos carnavaes: «sempre que lia num jornal uma catastrophe ou uma indigencia, marcava a noticia com um traço a lapis, lançando ao lado um algarismo que indicava ao velho Smith o numero de libras que devia remetter, sem publicidade, singelamente, pudicamente. E a sua era que — mais vale um pataco que duas philosophias a voar».

Fradique, protector de bichos: «uma vez, em Pariz, correndo a uma estação de fiacres, para nos salvarmos dum chuveiro que desabava,

e seguir na pressa que nos levava a uma venda de tapeçarias, (onde Fradique cobiçava umas *nove musas dançando entre loireiraes*) encontrámos apenas um *coupé*, cuja pileca, com o sacco pendente do fociinho, comia melancolicamente a sua razão. Fradique teimou em esperar que o cavallo almoçasse com tranquillidade — e perdeu as *nove musas*.» Por uma tal introdução, sentem-se as cartas, as pobres cartas que parecem artiguinhos soltos d'almanack, sem estylo epistolar, sem improvisação roupante, em trabalhosos periodos occupando-se d'extravagancias pueris, aphorismos sedícios, pedanterias dos *cormorans soireux* do Hotel Bragança, a desencantar muito fetichista quanto á infallibilidade dos deuses, é impeccavel exteriorisação dos seus altares.

Direi, por conclusão, que Eça de Queiroz é um genio falhado pelo máu uso que de si proprio fez na traça d'escriptor, genio que se amesquinhou por indisciplina philosophica, predominio d'instinctos mundanaes, falta de fé num idéal intenso e absorvente.

Dos tres ou quatro grandes livros que deixa, nenhum promette, na memoria dos homens, vida longa, que, á uma, é duvidoso o portuguez em que estão escriptos, e, á outra, lão de matal-os qualidades de *dilettantismo*, ainda seductoras e bem depressa fastidiosas, assim como a ironia icouclasta, que em cincoenta annos passa, quando futuras gerações, mais cerebralmente definidas, começarem a rir doutra maneira. *Eça de Queiroz é um escriptor europeu, não um escriptor nacional*. Na historia do portuguez escripto, vem talvez a contar-se a prosa de Ramalho; a d'Eça, nunca.

Por isso, tantos bombasticos artigos chamando-lhe unico, tantas homenagens huguescas chorando-o como pedra angular da litteratura lusitana, me parecem alguma coisa fóra de proposito, e por ventura armando á successão da corôa sem herdeiro. Este cortejo não é talvez tanto o enterro dum morto, como o exhibismo da litteratice gato-pingando o seu memorial de pretendente. Só assim pôde explicar-se a choradeira de rôda do maior desnacionalizador que teve Portugal modernamente, do genio cynico que tão mal comprehendem a sua missão moral de homem de penna, e que em vez d'erguer a alma do paiz para idéas centralistas, que o defendessem contra a morte; em vez de arraigar nas almas, germens de trabalho, de patria e de familia, gastou a vida a negar, a deprimir, a dar supremacias a modernices francezas, a fazer descer da honra e da virtude, a não ver nos homens senão cretinos ou biltres, e nas mulheres senão rudimentos vulgares de prostituição.

Adorem-no, eumbóra, os complica-

dos e os artistas: é dever seu, tratando-se dessa venenosa flôr de raça espuria, desse impulsivo chronista das perversões do sexo e do character; como artista moderno, Eça de Queiroz é um caso raro e curioso; glorifiquem-no os litteratos e os mundanos—mas sem dizer a cinco milhões d'analphabetos: váe allí um deus que cumpre venerar. Porque esses cinco milhões d'analphabetos não téem que ver com Eça de Queiroz, e a propria barbaria os salva de, lendo a obra do artista, se podem tornar outros tantos milhões de malandrius.

Houve, é certo, nesta metade de seculo, um grande escriptor portuguez que não foi consul nem *dandy*, e de tudo escreveu paginas supremas, e fez da lingua dura dos chronicons, um instrumento sonoro, maravilhoso, elastico e vibrante, exprimindo á nossa moda, fazendo chorar, fazendo pensar, fazendo rir como ha sete seculos exprime, chora, pensa e ri todo o animal da nossa raça, que, seja o que fôr, não é menos esperto nem menos bravo, nem menos progressivo, nem menos probo, nem menos digno da civilização do que qualquer outro homem trigueiro ou loiro, saxonio ou latino, surto em paiz de propria fortuna!

O que esse precisa é desanesthesiar a cabeça do pezadello estrangeiro que o acobarda, trabalhar com os seus braços, proceder por sua iniciativa, expulsar os que o roubam, dar castigo severo aos que o insultam; e se é este o fito de quantos, nesta hora d'angustias, amam a patria; se é proposito de todos resuscitar, pelas acquisições parciaes da archeologia, da historia, da agricultura, da industria, das artes e das lettras, um espirito nacional que faça de nós no mundo, um aggregado politico indiviso—como se explica esta apotheose ao escriptor dissolvente, quando o verdadeiramente grande, o outro, o nosso, lá jaz no Porto esquecido e tratado como um cão?

FIALHO D'ALMEIDA.

(1) Destes rapazes até o mais novo, Carlos, ainda em plena posse da saúde, estando a familia de nojo pela morte d'Alberto, lhe aconteceu vir uma vespera de Santo Antonio á janella do quarto andar do Rocio, onde moravam. Era deshoras: na praça, grande assoisse de gente, em descantes e dansas populares: e o moço, a conversar com uma das visitas á varanda, dizia, lastimando a horrivel tara que lhe carregava os irmãos p'ra sepultura—«qual de nós será que váe agóra?» Inda não disséra estas palavras, torna uma vóz da rua—«agóra, és tú». Carlos Queiroz nunca mais pôde esquecer o vaticinio, que effectivamente se cumpriu, mezes depois, fallecendo aquelle de febre galopante.

(2) Nasceu na Povia de Varzim em 1846; formado em direito em 1867. Publicou na *Gazeta de Portugal*, entre outros contos, o *Milhafre*, *Memorias de uma forca*, o *Senhor Diabo*, etc., e na *Revolução de Setembro*, a *Morte de Jesus*, que Junqueiro diz ter paginas deslumbrantes.

O *Crime do Padre Amaro*, que dissemos ter sido alinhavado e notulado durante os annos de Coimbra, Evora e Leiria, e inserto na *Revista Occidental* em 1875, conta a primeira edição de livro, ou *definitiva*, em 1878—79, e em 1880 a segunda, ou *inteiramente refundida e recomposta*. O *Primo Basilio* teve a primeira edição em 1878; o *Mandarim*, em 1880; a *Reliquia* em...; *Os Maias* em 1888. As *Cartas de Fradique Mendes* appareceram, com biographia, na *Revista de Portugal*, em 1889—90. Os prefacios do *Almanack Encyclopedico* pertencem a 1896—97, e emfim, a *Illustre Casa de Ramires* acha-se incompletamente publicada na *Revista Moderna*, de Pariz, 1898—99, por ter cessado a publicação desse jornal. Não ha, até o presente, outras publicações em livro, do escriptor.

(3) *Fernanda, Odette, etc.*

(4) "...assim, diz v. que os meus personagens são copiados uns dos outros.

Mas, querido amigo, numa obra que pretende ser a reproducção duma sociedade uniforme, nivelada, chata, sem relevo e sem saliencia (como a nossa incontestavelmente é)—como queria v., a menos que eu falseasse a pintura, que os meus typos tivessem o destaque, a dessemelhança, a forte e crespia individualidade, a possante e destacante *personalidade* que pôdem ter, e téem, os typos duma vigorosa civilização como a de Pariz ou de Londres?

V. distingue os homens de Lisboa uns dos outros? V., nos rapazes do Chiado, acha outras differenças que não seja o nome e o feitio do nariz? Em Portugal, ha *só um homem*—que é sempre o mesmo, ou sob a fórma de *dandy*, ou de padre, ou d'amanuense ou de capitão: é o homem indeciso, debil, sentimental, bondoso, palrador, *deixa-te ir*, sem móla de character ou de intelligencia que resista contra as circumstancias. E' o homem que eu pinto,—sob os seus costumes diversos, casaca ou batiua. E' o portuguez verdadeiro. E' o portuguez que tem feito este Portugal que vemos...» (*Carta respondendo a um artigo sobre os MAIAS, por mim publicado no REPORTER. Data de 8 de agosto de 1888. Bristol.*)

ARMADA NACIONAL

Os programmas navaes na Monarchia—O material de 1872 a 1889—Comparação com as frotas estrangeiras.

Taes eram os elementos de que então dispunhamos, como base, para a organização duma esquadra conforme os progressos da arte naval moderna e as necessidades do paiz.

Relativamente facil seria, tendo-os, conseguir tal fim. Bastava então que se organinasse e executasse um plano de desenvolvimento do material fluctuante destinado ás operações de oceano; que se dotassem aquelles officiaes, que regressaram da guerra tão jovens e cheios de recompensas, com o preparo e pratica necessarios ao manejo de tal material; que se lhes desse a instrução nautica descurada máu grado seu e do governo e que se desenvolvessem e modernisassem os nossos arsenaes. Quanto ás guarnições, para fornecel-as, ali estava a bella criação das escolas de Aprendizizes Marinheiros.

A dura e carissima experiencia que

lucráramos com a campanha do Paraguay, tanto nos impunha. Veremos, contudo, em que peze aos apologistas da marinha de outr'óra, que essa tremenda licção em nada nos aproveitou, até 1881, só se applicando ao augmento da armada, as sobras dos orçamentos, e, mesmo assim, mal applicadas.

Comecemos pela analyse do material fluctuante.

O ministro da Marinha em 1867, antes, portanto, de finda aquella guerra, reconhecendo a necessidade de augmental-o e mellhoral-o, achando lazer para occupar-se de tal assumpto, entre os innumerados e graves problemas que sabiamente resolvia, nomeou uma commissão para elaborar um plano de reorganização e engrandecimento da nossa esquadra.

Essa commissão apresentou seu projecto, que propunha uma fragata encouraçada, quatro corvetas encouraçadas e 4 sem couraça, 12 canhoneiras de 1ª classe, sendo 6 encouraçadas e 6 não; 24 canhoneiras de 2ª classe, 16 encouraçadas e 8 não, 4 grandes transportes, 16 transportes fluviaes e 36 lanchas a vapor.

A qualquer profano que examine esse programma, resalta immediata a preocupação, por parte de quem o confeccionou, dos navios minusculos, a ponto de nelle incluir 36 lanchas a vapor.

O sr. visconde de Ouro Preto, a proposito desse plano e visivelmente criticando a marinha da Republica, diz: «Mas, a triste verdade é que mudaram-se os uniformes da officialidade, hoje mais vistosos; substituiram-se por outras mais imponentes as denominações de alguns postos, temos a refórma compulsoria, e quanto ao material. É hoje inferior ao que atropelladamente armámos para a guerra do Paraguay».

Mas, porque tambem não se cumpriu aquelle mesmo programma, depois de terminada essa guerra, nesses ultimos annos de governo monarchico, quando o paiz nadava em ouro, quando tinhamos o cambio a 27 e quando a marinha de guerra era, na phrase consagrada, «a menina dos olhos do Imperador?»

O mesmo sr. visconde de Ouro Preto nol-o diz: «Este plano foi approved e começou o governo a pol-o em execução, mandando construir na Inglaterra a fragata *Independencia*, mal agoirada desde o lançamento ao mar e posteriormente vendida ao governo daquelle paiz. Depois, ficou o projecto em esquecimento». Vê-se pois, que esse mal de possuirmos esquadras em projecto, vem de longa data; e convém notar que a *Independencia* foi vendida, já prompta e tendo já içada a bandeira brasileira; não havia então, como vinte annos depois, para venderem-se o *Amazonas* e o

Abreu o pretexto de difficuldades financeiras e o dever imperioso de satisfazer os compromissos da divida externa.

As razões em que se baseava a commissão para apresentar aquelle projecto, tem tambem algo de curioso. Assim é que diz: «A fragata encouraçada de typo indicado na opinião, por certo, competente, dos directores do serviço tecnico, imporá respeito a qualquer potencia maritima, porque, ella sómente, póde lutar com uma esquadra».

Combater um só navio contra uma esquadra, é facil: depende tão sómente do valor do seu commandante, e, nos nossos dias, encontramos o exemplo no combate naval de Chemulpo, em que o *Waryag*, só, oppoz-se, durante 55 minutos de fogo renhido, a uma forte esquadra japoneza. Certo, porém, a commissão que elaborou tal projecto, não se referia a um combate daquelles desastrosos resultados; descobrira um typo de navio capaz de deter as operações duma esquadra, de combatel-a, senão com vantagem, pelo menos com egual probabilidade de exito; «imporá respeito a qualquer potencia maritima», «porque, ella sómente, póde lutar contra uma esquadra»; seria bem isto? Era por certo, tauto que apenas propoz a construcção de um navio daquelle typo.

Mas, que idéa fazia essa commissão de estrategia da tactica de um combate? E mais, que conceito formava sobre a extensão dos oceanos?

«Aquella poderosa machina de guerra» continúa a commissão, «e as corvetas de 1ª categoria, (+ encouraçadas)» constituirão a verdadeira esquadra de combate, no oceano, e serão a garantia real de nossas costas e portos, pondo-os ao abrigo de um insulto, ou de um golpe de mão». Cinco navios só!! Mas, porque as não mandaram construir?!

O relatório foi apresentado em 1868; o *Independencia* foi mandado construir em 1873; as corvetas couraçadas, nunca!

O relatório continúa com outras considerações, onde se verifica, o que já atrás dissemos, um prurido de construcção de navios minnsculos, para operações fluviaes; assim, diz: Dahi nasceu a necessidade dos typos adoptados na 3ª e 4ª categorias «(24 canhoneiras de 2ª classe, 16 transportes fluviaes, 4 grandes transportes e 36 lanchas a helice)» que formam o que póde haver de mais força para uma esquadra fluvial, com seus meios de ataque, de defeza e de mobilidade; podendo afoitamente os navios desta classe internar-se nos rios, sempre que estiverem apoiados em uma esquadra exterior, que sirva de base a suas operações e em um exercito que ocupe

uma das margens e lhe garanta a subsistencia.

Assim já se manifestava essa verdadeira mania de querer, á outrance, emprestar á esquadra a preeminencia na defeza das nossas fronteiras fluviaes e que agóra, em 1904, faz com que o *Colbert* da armada brasileira, mande construir as «Melik», que os inglezes empregam em operações contra inimigo desprovido de artilharia!

Mas, em summa, tal plano ficou, como o anterior, o de 1850, «no dominio burocratico».

Vejam, então, o que, fóra das suas indicações, se tentou para elevar e melhorar o nosso material fluctuante. no periodo decorrido de 1870 a 1889.

Todas as nações maritimas tinham definitivamente em mira organizar frotas couraçadas; só mais tarde, quando os cruzadores attingiam 22 de velocidade, houve entre algumas uma rapida hesitação na escolha das suas uidades, hesitação para logo dissipada ante a impotencia de manter-se um cruzador desprotegido sob os fogos de grossos canhões. Começavam a surgir os encouraçados de 8.000 e 9.000 toneladas, e no correr do decenio de 70 a 80, surgiram os primeiros cruzadores rapidos, esboços pallidos dos voadores de hoje.

Todas as potencias tratavam de organizar esquadras para lutar no oceano, certas de que a nação maritima que só procura defender os portos, vem a perder os portos e as costas, e o que tem só em vista a defeza destas, perde-as, como perde tambem o dominio do mar.

E' um grave erro organizar uma esquadra, só attendendo á defensiva. Uma frota defensiva, é, tão só, defensiva. Uma frota offensiva tambem e sempre defende. Só uma nação muito mais forte destacará de sua esquadra, uma parte, para atacar as costas do inimigo, tendo sciencia de que este possúe no mar uma força respeitavel, prompta e devastar-lhe o littoral ou a atacar a esquadra fraccionada.

Assim, se algumas potencias navaes procuravam então organizar uma esquadra defensiva, todas ellas creavam esquadras que pudessem disputar a posse do oceano.

O Brazil, no emtanto, encomendava em 74, o *Favary* e o *Solimões*, encouraçados de 3.500 toneladas e de 10 a 11 milhas de velocidade, navios que, para navegarem, não já no oceano, mas mesmo, proximo ás costas tinham necessidade de bordas falsas; como cruzadores, iniciava-se a construcção da *Trajano*, navio mixto, de madeira, e logo se lhe seguiram a *Parnahyba*, a *Guanabara*, a *Primeiro de Março*, a *Imperial Marinheiro*, todos mixtos, mal armados e estes dois ultimos de 10 milhas de velocidade; e, quando o Chile e a Argentina, nações de um

continente em que o Brazil tiuha a supremacia naval possuam, o primeiro, o *Esmeralda*, que ainda hoje, com o nome de *Idzumi*, figura na marinha japoneza, cruzador de aço de 17,5 milhas de velocidade, de 3.000 toneladas e armado com 2 canhões de 10", 6 de 6", fóra a bateria ligeira; e a segunda, o *Patagonia*, egual ao nosso *Republica*, lançava pomposamente, com a classificação de cruzador de 1ª classe, um navio de madeira, mixto, e cuja principal artilharia compunha-se de 6 canhões de 4."7, que não andava mais de 11" e a que deu o nome de *Almirante Barroso*, reputando-o o *o nec plus ultra* da construcção naval.

O aleijão que se chamou *Sete de Setembro* saía dos nossos estaleiros no Rio; do da Bahia lançavam-se tambem dois navios defeituosos e inuteis, a *Moema* e a *Traripe*.

Mais ou menos por essa epocha, adquiria-se por encomenda, no estrangeiro, o *Riachuelo*, bom navio que, póde-se dizer, era o primeiro cruzador encouraçado construido: bôa velocidade, sem chegar á de um cruzador, e bôa protecção, sem ser comparavel á de um encouraçado.

Delle tambem se dizia poder lutar contra uma esquadra inteira, e por isso nos julgavamos fortes bastante; comtudo, em 1887 adquiria-se uma nova unidade do typo *Riachuelo*, o *Aquidaban*, de menores proporções, para poder navegar livremente no estuario do Prata. A que acanhado idéal se sujeitava a recomposição da nossa esquadra!

Em 1883, batia-se a primeira cavilha de um cruzador de 1ª classe—o *Tamandaré*, mas, em 89, ainda elle se achava nos estaleiros.

E, no meio de toda essa aquisição desorientada, feita sem estudo, a *trouxe mouxe*, uma quantidade respeitavel de canhoneiras cheias de defeitos, risco imminente para os que nella se tivessem de fazer ao mar.

Algumas torpedeiras tambem fôram adquiridas, nas mesmas condições, sem um prévio estudo.

Assim, que grande esquadra possuia o Brazil em 15 de novembro de 1889? Dois navios bons, entre couraçados e cruzadores: o *Riachuelo* e o *Aquidaban*.

Já então, porém, os verdadeiros couraçados attingiam a mesma velocidade que o *Riachuelo*, com maior protecção e maior artilharia. Nessa data, já nenhum dos dois era um vaso de guerra de 1ª classe. Effectivamente, só a Inglaterra, dentre os navios que ainda hoje figuram na sua força naval, contava então 10 encouraçados de 9.500 a 12.000 toneladas, todos muitos mais protegidos que o *Riachuelo* e *Aquidaban*, com muito maior poder offensivo e com a mesma, quasi todos, e maior alguns, velocidade: desde o *Col-*

Luigwood e seus cinco irmãos, até o *Nile*; os cruzadores protegidos do typo do *Aurora* que a Inglaterra tinha em numero de 7 cruzadores couraçados naquella epocha, eram aos nossos dois terriveis couraçados; da mesma fórma, o *Imperiense* e o *Warspite*. Não queremos citar as demais nações: a França, com os seus *Neptune*, *Hoche*, *Formidable* e mais uns 6 ou 8 encouraçados; a Allemanha com os couraçados da classe *Sachsen*; a Russia, a Italia, a Austria, a propria Hespanha com o *Pelayo*. Os Estados-Unidos não tinham, é certo, uma esquadra couraçada de oceano; possuíam, porém, uma esquadra de cruzadores, modernos então, capazes de, incolumes, nos irrogarem as maiores humilhações, ao longo de toda a nossa vastissima costa, que o governo monarchico, mesmo depois do incidente Christie e da capanha do Paraguay, tão criminosamente abandonou.

Mas voltemos á analyse da nossa esquadra em 15 de novembro de 1889, não nos esquecendo, porém, que o *Riachuelo* fôra mandado construir porque a Argentina construiu o *Brown*, e o *Aquidaban* para que tivessemos um navio capaz de chegar a *Martin Garcia*, que os argentinos transformaram num respeitavel baluarte, enquanto o governo imperial dormiu sobre a inexpugnabilidade da nossa barra defendida por canhões dos tempos coloniaes, montados em fortalezas tambem coloniaes e guarnecidas por tropas que se desmoralisavam e se inutilisavam, numa vida pacata de acampamento de fronteira longinqua.

Além desses dois navios, já de 2ª classe, em 15 de novembro de 1889, possuíamos como encouraçados o *Sete de Setembro*, o *Favary* e o *Solimões*.

O primeiro era um abortq, sabem-no todos; os dois ultimos não eram navios para o mar.

Todos tres já velhos, imprestaveis, a menos que não se queira attribuir ao ar republicano que respiraram, ainda por trez annos, a sua ruina.

Os demais couraçados que possuíamos, eram os mesmos que « collocavam a nossa marinha, em 1872, entre as primeiras potencias maritimas », e aos quaes já nos referimos.

Quanto á classe dos cruzadores, possuíamos os que já citámos: *Almirante Barroso*, *Guauabara*, *Parnahyba*, *Trajano* e *Primeiro de Março*. Todos, mixtos, de madeira, com pouca artilharia e o mais veloz conseguindo uma marcha de cerca de 13'

Os cruzadores das outras potencias eram: na Inglaterra, os da classe *Mersey*, de 17' de velocidade, armado com 2 canhões 20 c/m e 10 de 15 c/m, mais de 4.000 toneladas de deslocamento; eram os da classe *Pearl*, de aço como os primeiros, 19', a 20' armados com 8 canhões de 12 c/m; os do grupo

Mercury, 17', 13 canhões de 5" Na Austria, que não era grande potencia naval, havia dois do typo *Kaiserio Elizabeth*, protegidos, de 4.000 toneladas, 19' de marcha e poderosamente armados; a China possuía cruzadores de 2.500 toneladas, 15 milhas de velocidade e com 8 e 10 canhões de médio calibre; a França os possuía de 19 20' de 4 e 5.000 toneladas de deslocamento; e, deixando de parte as outras grandes potencias navaes de então, veremos o Japão apresentar o *Namiva* e *Tacachibo*, navios de 1886, de 3.600 toneladas e 18',5 de marcha; a Suecia, a Dinamarca e a propria Hollanda, senhoras de cruzadores de mais de 15' todos de aço e bôa artilharia, e a propria republica Argentina tinha o *Patagonia*, superior a qualquer dos nossos cruzadores, e o Chile, o hoje *Idzumi*, da marinha japoneza.

Perguntamos agóra: possuía o Brazil uma esquadra de encouraçados? possuía o Brazil uma esquadra de cruzadores?

A resposta a ambas as perguntas, é fatalmente: não! O Brazil possuía um conjuncto de navios; alguns dos quaes de algum valor, mas que absolutamente não formavam uma esquadra, já não se dirá bôa, mas mesmo regular. E nada melhor o attesta do que essa divisão de evoluções de 1886, em que ao lado de um cruzador-couraçado, ainda naquella epocha importante como o *Riachuelo*, figurava um monitor, um tanto antigo, como o *Favary*; uma divisão de cruzadores, dois ou tres, mixtos e de madeira, e duas torpedeiras, de modelos diversos!

Quanto ao resto dos navios da nossa esquadra, era verdadeiramente um resto: navios microscopicos, destinados á policia e defeza dos nossos rios.

TONELERO.

(Continúa.)

SCIENCIA E INDUSTRIA

O rheumatismo e as ferroadas de abelhas
—O *samburá*, borra de mel—A medicina do norte—Curas maravilhosas.

Henri de Parville lembra nos *Annales* o caso de um rheumatico cortado de dôres atrozés, restabelecido no dia immediato áquelle em que fôra picado por maribondos. Como esses, muitos outros casos affirmaram a miraculosa influencia do veneno das abelhas na cura da terrivel molestia.

Um individuo de 32 annos de idade, atacado de dupla ophthalmia catarrhal, recalcitrante a todos os medicamentos, só ficou bom depois de picado por uma abelha na parte externa da sobrancelha esquerda. No dia seguinte, pôde abrir o olho esquerdo sem ser

incommodado pela luz, tendo estancado a secrecção purulenta.

O doutor Terc, de Marbourg, na Styria fez, recentemente, á Sociedade de Medicina de Vienna uma communicação sobre o tratamento do rheumatismo articular pela picada de abelhas, affirmando que, havia vinte annos, applicára esse tratamento a mais de quinhentos doentes com o melhor exito, affirmando mais que as pessôas refractarias ao veneno das abelhas eram, tambem, immunes para o rheumatismo.

Assim, a abelha, como a formiga, viria a fornecer um medicamento efficaz.

Esses factos assignalados pelo illustre scienista francez são muito frequentes e muito conhecidos no norte do Brazil, onde, em vez do ferrão, se applica aos rheumaticos a borra do mel encontrada nos cortiços, uma massa amarellada de cheiro acre, denominada *samburá*.

Dissolve-se o *samburá* em alcool, e os doentes o tomam em pequenos calices, uma vez por dia.

Os effeitos desse remedio são estupendos. Uma hora depois de ingerido, o doente é accommettido de dôres fulgurantes, em todas as articulações, dôres tão violentas que sómente homens de rija tempera, de coragem excepcional, repetem a dôse.

As dôres duram cerca de uma hora, sobrevindo transpiração copiosa. São menos violentas á dôse seguinte e vão diminuindo até cessarem completamente. Com ellas, desaparece o rheumatismo.

Essas dôres, conforme o testemunho de um doente, immigrante cearense no Amazonas, são identicas ás da ferroadada formiga *tocandeira* ou á dos maribondos chamados *caba*, cuja picada produz inflammação immediata e febre.

Esse maravilhoso remedio, o *samburá*, não está propagado devido á terrivel reacção, que produz um verdadeiro delirio de dôres atrozés.

Mas não ha quem, victorioso da tremenda prova, conteste ao *samburá* o maravilhoso effeito curativo dos rheumatismos mais rebeldes.

A medicina foi guiada, nos seus primeiros passos, pelo empirismo grosseiro do povo; mas, em geral, desdenha da therapeutica dos sertões, a qual, ás vezes, encerra, em fórmulas toscas, admiraveis remedios.

Estaria, talvez, uma conquista humanitaria no estudo das propriedades do velho especifico sertanejo contra o rheumatismo.

“OS ANNAES”

Vendem-se collecções ricamente encadernadas, do primeiro trimestre de 1904 e primeiro semestre de 1905.

POESIA POPULAR

Em uma interessante chronica, ha dias publicada, accentuou um escriptor, impressionado pela musa urbana, ser a modinha oriunda do connubio dos *catêretês* e das almas lyricas dos poetas, negando-lhe aquella espontaneidade que, em geral, caracteriza a creação anonyma da corrente popular.

A modinha brasileira não é um producto hybridado dos *catêretês* e das almas lyricas; tem uma feição especial e, embóra se lhe haja pretendido encontrar uma origem turaniana ou queiram filial-a ao typo da trova portugueza inteiramente modificada por causas diversas, representa a genuina fórmula do nosso *folk-lore*. Incontestavelmente, pelos elementos que reune, pela originalidade que encerra, a modinha tradúz a nossa canção popular; e, por isso, por ella revelar as emoções da plebe, é a resultante dos *folk-lores* das raças colonisadoras com as transformações proprias da raça que a gerou. Entram, por conseguinte, em sua constituição elementos ethnicos, os mesmos factores da nossa nacionalidade, sendo difficil hoje a discriminação da maior ou menor influencia que estas raças exerceram no desenvolvimento da poesia tradicional.

Si a fusão das raças deu uma creação especial, de que tem sido o mestiço o seu maior cultor e, si actualmente penoso se torna joeirar as diversas contribuições que formaram esse typo de poesia que, como escrevi algúres, váe tomando, de ha tempos para cá, uma phase nova, é logico que se não devem nem se podem traçar, como quiz o escriptor, aquellas duas fontes para origem da modinha brasileira.

O estudo da vida nacional, em suas manifestações estheticas, nos indúz a reconhecer que as trovas populares já apparecem no primeiro seculo da descoberta de Santa Cruz. Nos autos pastoris, nas festas portuguezas importadas da metropole e acceitas na colonia, predomina o elemento popular com as suas creações proprias. E estas produções, conservadas anonymas, se revelam, como sempre, grotescas ou apaixonadas, opposicionistas ou sentimentaes. As irascibilidades de Gregorio de Mattos agradaram, muitas vezes, á plebe do seculo XVII, que as adoptou, deturpando-as e levando-as ao nosso *folk-lore*.

O mesmo se nota no seculo XVIII com as produções de Caldas Barbosa, o pardo improvisador, como denominava Bocage, e tão escurraçado da sociedade portugueza.

Vem de longas éras a modinha e, antes de ser buscada nos poetas romanticos, tinha algumas de suas raizes no vercejar de outros poetas nos-

sos, representantes de periodos litterarios que não o lembrado pelo chronista da *Musa urbana*; o trovador recebe a seu modo composições várias, sem desprezar o que inventa á viola. No seculo XVIII, a modinha se divulgou muitissimo e na metropole caiu no gosto da epocha; Tolentino troçara o *louro peralta adamado*, mas o epigramma não abateu a espontaneidade dos mestiços que, alli, tinham em Lerenó, um dos seus verdadeiros typos.

Com todas as suas modalidades se encontra a modinha em nosso *folk-lore*. Assim, não se lhe deve determinar o cunho satyrico de 1890 para cá, como quer ainda o escriptor, de cuja opinião discordamos.

A alma popular nem sempre fica indifferente a certos acontecimentos ou desattenta a certos factos; impressiona-se quando menos pensa e ri ou chora na rima de suas canções. Lamuriante ou alegre, entoando endeixas ou desferindo farpas, ella passa e passará os seculos, seja qual fôr o gráu de cultura e de civilisação da humanidade.

Si de 1890 para cá, a poesia popular tem tido momentos de desancar a satyra, anteriormente tambem o fez com mordacidade e fereza. Na cidade do Rio de Janeiro, depois da reconstrucção do Recolhimento do Parto, ficou em vóga a copla ás freiras d'Ajuda; ridiculizados fôram tambem certos episodios dos tempos dos vice-reis e da regencia e na epocha da Independencia as hostilidades entre brasileiros e portuguezes ocasionaram as quadrinhas aos *cabritos* e *pês de chumbo*.

Houve, portanto, antes de 1890, a satyra como um dos aspectos das canções anonymas, da mesma fórmula que, depois daquella hora, máu grado o escriptor, continuaram as creações sentimentaes e as adaptações das produções dos nossos poetas ás variações da viola; que o attestem a *Mulata*, de Gonçalves Crespo, e o *Bemtevi*, de Mello Moraes, alastrando-se neste decennio pelas modulações do cantor de serenatas.

Não se póde, pois, acatar a affirmativa acima contrariada. A poesia popular não provém de um connubio de dansas rusticas e inspirações cultas; producto especial do elemento mestiço, nasceu da plebe, que, sem fórmula reflectida, manifesta os seus cantares com uma moralidade de expressão e exuberancia de vida peculiares, synthetizando todas as emoções nestes threnos tradicionaes, cheios de melodia e de sonoridade, que levam longe a palavra, tornando indefinivel o sentir.

Consequentemente a modinha é exclusivamente popular; despreendida pela nossa gente em uma unidade perfeita de inspirações, photographa as effusões da raça que a creou.

Nella, vibra o que ha de mais intimo

na alma do populacho, que faz, ás vezes, suas, adulterando, as concepções de nossos lyricos, sem abandonar a feição expressiva das cantigas anonymas.

A modinha é e será o producto de uma raça mesclada; tem e terá o cunho proprio e se apresenta e se apresentará com as mesmas fórmulas e sob os mesmos influxos, mas com a espontaneidade e a originalidade que a recommendam.

Não lhe devemos, pois, estatuir outra fonte que a da corrente tradicional popular.

THEODORO MAGALHÃES.

O ALMIRANTE (48)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

CAPITULO XIX

A marquezia ergueu-se e dirigiu-se com Martins ao gabinete proximo.

— Necessito hoje — disse ella, vendo visivel acanhamento — de cem contos de réis. Póde arranjar-me esse dinheiro?

— Se posso? A excellentissima comadre manda no que é muito seu.

— E' natural que você fique surprehendido com esse pedido de uma somma tão consideravel.

— Eu nada tenho que ver com isso: a senhora manda, eu obedeço. De resto, isso que chama consideravel é, para a senhora, uma ninharia.

— Não devo ter segredos para o senhor; trata-se de um caso muito grave, de uma conspiração.

Os olhos de Martins exorbitaram, espantados.

— Uma conspiração — continuou a marquezia — para restaurar dentro em poucos dias a monarchia.

O semblante de Martins volveu á calma habitual, destendendo-se num sorriso de incredulidade.

— A victoria da restauração é certa — proseguiu ella, num tom de convicção — tudo está preparado para que não falhe o golpe. Necessito, entretanto, que me preste um serviço.

— Estou ás suas ordens.

— O senhor se encarregará de dar o dinheiro á pessoa que lhe apresentar o meu cartão com a senlia — *Izabel, a Redemptora*.

— Eu? — exclamou Martins, num movimento de recusa e coçando a cabeça como se procurasse um meio de evitar a grave incumbencia que o surprehendia.

— Sim. Você nada tem que ver com o negocio; é simples banqueiro meu que cumpre uma ordem.

— Entretanto — ponderou Martins — pódem suspeitar que eu estou met-

tido na conspiração; pôdem descobrir-a.

— Nada receie. Todas as providencias estão tomadas para assegurar o mais absoluto segredo.

— Mas, vossa excellencia sabe que esses conspiradores são vigiados, andam acompanhados pela policia secreta.

A marquezia estacou impaciente ante a inesperada recusa de Martins.

— A comadre sabe — continuou elle com muitas reticencias e evasivas — que tenho mulher e filhos. Pôdem descobrir o conluio e não haverá quem me livre da cumplicidade. Seria um homem perdido, eu, que sempre tive repugnancia por tudo quanto cheira a policia. Seria um horror.

— Eu lhe affirmo que não ha perigo.

— Eu sei que vossa excellencia não seria capaz de arriscar-me, a mim que lhe sou dedicado, mas pôde ser victima da sua bôa-fé e, sem querer, com as melhores intenções deste mundo, deitar a perder um pae de familia. Olhe, excellentissima comadre, eu, sómente de pensar nisso, fico resfriado.

A marquezia encarava no Martins olhos que chispavam com estranho fulgor de colera em relampagos intermittentes. Com um movimento convulsivo, ella comprimia, entrelaçados, os esguios dedos das finas mãos aristocraticas em contorções freneticas.

— Custaria tão pouco — ponderou ella, desdenhosa deante de Martins humilhado — entregar o dinheiro á pessoa indicada...

— A senhora marquezia — interrogou Martins, timidamente — conhece a pessoa que deve recebê-lo?...

— Não, não conheço. — tornou ella promptamente, impressionada pela pergunta.

— Como? Não a conhece e váe entregar tão consideravel somma a um desconhecido que pôde ser um explorador ou um homem incumbido de lhe armar um laço para compromettê-la?...

— Os representantes da conspiração estiveram hontem em nossa casa, mas não me disseram os nomes.

— E' o que eu suspeito. Esses sujeitos são talvez exploradores, minha comadre, da sua paixão politica. Vossa excellencia se convence, facilmente, de tudo quanto lisonjêa a sua idéa fixa, o seu amor pela familia imperial, a sua fé na restauração.

E á proporção que a marquezia vacillava impressionada por essas considerações, Martins readquiria a calma e o desembaraço de homem pratico.

— Não se me daria de apostar — continuou elle — que a comadre váe ser victima de um formidavel conto do vigario.

— Que devo fazer então?...

— Esperar, tomar informações, sa-

ber, ao menos, quem são esses conspiradores...

— Eu não pretendo dar conselhos a vossa excellencia, minha comadre: cumpro, sómente, o dever de dizer o que penso com toda a lealdade. A comadre vive apaixonada pela sua idéa; acceta sem resistencia tudo o que a favorece. Pôde ser que tenha razão. Eu é que lhe peço não me metta nessa embulhada de politica.

— Façamos, então, o que parece mais seguro: o compadre manda-me o dinheiro e pensarei, reflectirei, antes da deliberação definitiva.

— Muito bem.

— Se fôsse, entretanto, verdade; se o triumpho dos restauradores dependesse de mim, desse pequeno auxilio; se perdessemos a occasião; se tudo fallhasse por causa da minha hesitação... eu morreria de remorso.

— Fique tranquilla que não chegará a isso.

— Em todo caso — concluiu a marquezia, em tom demasiado grave — isto deve ficar entre nós.

— Não tenha receio: sou muito avêso em dar á lingua sobre negocios que me são confiados.

— Venho interrompel-os? — perguntou Marianinha, á porta do gabinete.

— Não. Já conversamos.

— Vamos, então, almoçar que está passando a hora.

E cingindo a cintura da marquezia, conduziu-a carinhosamente para a sala de jantar.

Durante o almoço, de um cardapio sobrio e delicado, excitada pela alegria dos meninos a brincarem no terraço proximo, a marquezia volven á calma. Seu semblante toldado de preocupações se dilatou num sorriso consolado e os seus bellos olhos melancolicos se illuminaram de suave brilho, como se lhe despertasse a alma, ou fôsse restaurada á plenitude da vida.

— Não imaginas como me sinto outra quando estou contigo — disse ella a Marianinha. — A ventura é communicativa, estimula as minhas forças e e consola-me. E estes meninos tão vigorosos, tão bonitos, tão vivos e intelligentes me commovem, me enlevam. Se vivesse contigo, não teria tempo de me amofinar com pensamentos tristes.

— Está nas suas mãos — responderam Marianinha — Esta casa é sua...

— Eu nada posso dizer — atalhou Martins — porque aqui quem manda, põe e dispõe é a minha cara metade.

— Se, ao contrario, fôsses, passar uns dias comigo?

— O caso muda de figura. A comadre não sabe o que me custaria transportar-me com esta filharada. Seria um Deus nos acuda...

O offercimento de Marianinha seduzira a marquezia, muito disposta a

passar alguns dias com a amiga, pelo menos enquanto Oscar estivesse absorvido pelos trabalhos excepcionaes que tinha entre mãos; mas pensava no projecto de restauração e cedia á necessidade de ficar em casa até o dia designado para o grande acontecimento que libertaria o Brazil do governo revolucionario.

A conversação adejou sobre os amigos e conhecidos. Falou-se na baroneza de Freicho, havia muito esquiva, senão inteiramente afastada das suas relações habituaes. Dizia-se que se lhe aggrávara a molestia do utero, impedindo-a de se apertar, de andar, e accrescentava-se que estava muito desfeita, tinha horribes ataques nervosos numa excitação que parecia loucura.

— Ella mora aqui perto — concluiu Marianinha — no Cosme Velho. Todo o dia projecto fazer-lhe uma visita, mas esta minha vida me toma todo o tempo.

— Se fôssemos vel-a? — propoz a marquezia.

— Vamos.

— Depois daremos um passeio pela rua do Ouvidor para fazermos umas compras. Desde a morte do marquez, não commetto a extravagancia de ir áquella rua.

Terminado o almoço, Marianinha subiu ao andar superior e voltou, dentro em pouco, trajando um elegante vestido de passeio, Martins partiu para o escriptorio e as duas tomaram o carro que as esperava ao portão.

Pouco depois, estavam no palacete do barão de Freicho. A baroneza demorou um pouco a recebê-las. Quando surgiu á porta do salão, mal illuminado pelo sol coado através das cortinas da unica janella aberta, provocou irrepressível movimento de surpresa. A marquezia e Mariana se entreolharam maguadas pela transformação daquella formosa mulher numa creatura esqueletica, mettida num amplo roupão de casemira bordado a matiz. Não lhe disfarçavam a pallidez do rosto, onde brilhavam olhos febrís, alguns toques de carmim; nem fôra necessario tambem avivar as grandes olheiras lividas. Os labios breves e rubros como que tinham encurtado: não lhe cobriam mais os admiraveis dentes.

— Eutão que é isto? — disse a marquezia, indo-lhe ao encontro e amparando-a para conduzi-la a uma poltrona.

Marianinha ajudou-a commovida, tendo os meigos olhos quasi razos de lagrimas.

— Estou para morrer — balbuciou a baroneza, arranjando os cabellos, prezos em desalinho no alto da cabeça, e fazendo faiscarem os aneis que lhe ornavam em profusão os dedos finos, dedos que parecia serem modelados em cêra como os de uma defuncta.

— Não diga isso, baroneza—ata-
lhon a marquezia, com meiguice.

— Não me illudo—continuou a do-
ente num tom dolente, maguando-se a
cada movimento.

— Ha muito que desejo vel-a, mas
vivo sósinha, como sabe, sem uma
pessoa para me acompanhar. Eu tam-
bem não ando bôa. Estou me sentindo
velha... Não posso contar com Oscar...

— Oscar?—interrompeu a baroneza,
como se esse nome lhe cutilasse o cora-
ção; mas, contendo-se a custo, prose-
guiu—como vae esse ingrato homem?
— Todo entregue ao governo.

Os olhos da baroneza augmenta-
vam de brilho e o peito lhe arfava em
agoniado descompasso.

— E Dolores que me abandonou.
Onde anda?—perguntou ella, cortada
por um soluço.

— Anda por ali—respondeu a mar-
queza, com hesitação, sacudida por
um impeto de colera desdenhosa.

As tres senhoras ficaram alguns
momentos caladas, immoveis, muito
embaraçadas pelas commoções diver-
sas que as dominavam.

— Como vae o barão?—perguntou
a marquezia.

— O barão...vae bem—respondeu
friamente, a baroneza.—Sempre de
máu humor, como se eu tivesse culpa
de estar doente.

— A senhora precisa tratar-se—disse
Marianinha.—Precisa tratar-se seria-
mente. Quem é o seu medico?

— Meu medico é... é o doutor Va-
lente.

A marquezia estremeceu á evocação
daquelle nome.

— Depois de um longo tratamento
—continuou a baroneza, de olhos bai-
xos, falauo timidamente — aconse-
lhou-me uma viagem á Europa, um
tratamento de aguas não sei de que
logar, affirmando que estou curada da
molestia que elle tratou, mas muito
depauperada. Necessito de tonicos
para os meus nervos, para o meu san-
gue. Que sei eu. Para a minha
cabeça que desvaira... Oh, como te-
nho soffrido, como sou castigada...

As mãos se lhe crispavam num gesto
de colera e dos olhos muito abertos
lhe brotaram lagrimas tenuous, curtas,
espessas que mal lhe humedeciam as
palpebras. Todo o seu corpo estre-
meceu sacudido por forte commoção
e a cabeça lhe pendeu abandonada
sobre as almofadas de velludo.

A marquezia tentava consolal-a, mas
estava extremamente superexcitada
pelo espectaculo daquella ruina viva
da bella mulher que ella conhecera
cheia de vida, cheia de dengues e de
caprichos. Estava deante da boneca,
como lhe chamava Dolores, desmante-
lada, num desalinho horrivel. E esse
espectaculo doloroso reflectia a situ-
ação que, talvez, a aguardava, recor-
dando-lhe as frequentes crises da sua

saúde precaria. Alli estava uma vi-
ctima da vaidade ou da rebeldia con-
tra as leis physiologicas, punida pela
profanação dos mananciaes da vida.
Seus olhos aterrados se fitavam em
Marianinha, cujo meigo semblante de
Madona exprimia um nitido contraste,
a perfeição da mulher fecunda deante
dos destroços da mulher esterilizada,
o espectro da baroneza de Freicho na-
quelle involucro de pelle retalhada de
rugas, descolorida e fria, cobrindo
ossos que marcavam, com asperos an-
gulos, as dobras do rico roupão de
casemira, matisada de grandes fôres
em lustroso relevo. E a marquezia pen-
sava, tomada de terror, que todas as
dôres, todos os desastres da materni-
dade seriam preferiveis ás funestas
consequencias daquella fraude infame
de transformar mulheres em pecca-
doras impunes.

— A's vezes—gemeu a baroneza—
me accomette uma sensação de va-
cuo, como que me falta alguma coisa,
fico leve, fluctuo no espaço, num sonlio
horrivel. Depois, parece que vou caído
num abysmo sem fim, desperto vi-
olentamente sacudida por palpitações
do coração doido dentro do meu peito.
Readquiro forças e, numa excitação
diabolica, véem-me desejos monstros-
os, tentações vis, como se eu fôsse
a mais degradada das mulheres, allu-
cinada num delirio de amor bestial...

(Continúa).

XADREZ

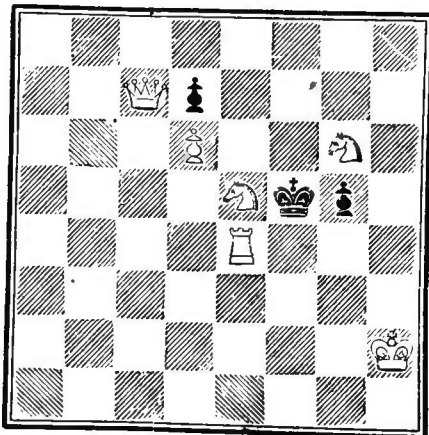
TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS

Sabemos que brevemente se realizará no
Club dos Diarios, desta Capital, um torneio
de partidas *à but*. Nestas condições, é natu-
ral que se inscrevam relativamente poucos
amadores. Lembraríamos, se nos fôsse per-
mittido, á digna directoria do Club, que,
neste caso, organisasse dois torneios simul-
taneos para interessar maior numero de jo-
gadores. Esta revista acompanhará com o
maior interesse a lucta que se annuncia e
dilatará esta secção tanto quanto seja pre-
ciso, para dar a mais completa noticia dos
incidentes e da marcha do torneio.

PROBLEMA N. 18

Tacito & Lipman

PRETAS (3)



BRANCAS (6)

Mate em tres lances.

PARTIDA N.º 18

GAMBITO REI RECUSADO

Brancas		Pretas	
(D. Forsyth)		F. K. Kelling)	
P 4 R	— 1 —	P 4 R	
P 4 B R	— 2 —	P 4 D	
P × P D	— 3 —	P × P	
B 4 B D	— 4 —	D 5 T R x	
R 1 B	— 5 —	P 6 B R (a)	
B 5 C D x	— 6 —	P 3 B D	
C × P	— 7 —	D 4 T R	
D 2 R x	— 8 —	R 1 D	
P × P	— 9 —	P × P	
B 4 B D	— 10 —	B 3 D	
C 3 D B (b)	— 11 —	C 2 R	
P 3 D	— 12 —	C 4 B R	
C 4 R	— 13 —	T 1 R	
D 2 B R (c)	— 14 —	B 2 B D	
B 3 R	— 15 —	C 2 D	
B × P T (d)	— 16 —	P 4 B D (e)	
B × P B D	— 17 —	C × B	
C × C? (f)	— 18 —	C 6 R x	
R 1 C	— 19 —	D × C	
B × P (g)	— 20 —	T 2 R	
P 4 D	— 21 —	D 4 B R	
B 3 C D	— 22 —	T 3 T D	
T 1 R	— 23 —	B 5 B R	
P 3 C R	— 24 —	B 3 T R	
C 5 B	— 25 —	D 5 R! (h)	
P 3 T R	— 26 —	T 3 B R	
D 2 D	— 27 —	D 4 B R	
D 2 R	— 28 —	T 1 R	
C 4 C R	— 29 —	D 3 C R (i)	
B 4 T D (j)	— 30 —	T (1 R) 3 R	
B 3 C D	— 31 —	C × C	
B × T	— 32 —	T × B	
D 1 B	— 33 —	T × T	
D × T	— 34 —	B 6 R x	
abandonam	— 35 —		

Esta interessante partida jogada este
anno no torneio para o campeonato da Nova-
Zelandia, obteve o premio da *mais brilhante*.

(a) Sacrificam um pião de bom valor e
por um jogo correcto as Br. o guardam defi-
nitivamente.

(b) 11—P 4 D era mais forte; se as Pr.
respondem C 2 R, então 12—B 3 R, C 4 B R;
13—C 5 C R, etc.

(c) Podiam offerecer a troca das D por
C (3 B) 5 C R.

(d) Imprudente. 16—T 1 R seria prefe-
rivel.

(e) Isto dá ao adversario occasião de
tomar o C com a D no 18.º lance com uma
posição inteiramente favoravel. As Pr. de-
veriam tomar o B, a variante era mais com-
plicada, mas fazia ganhar: 18... T × B;
19—D × T, B 3 C D; 20—D 4 T D, C 6 R
x; 21—R 2 R, C × B; 22—D × C, P 4 B R,
etc.

(f) Deveriam jogar 18—D × C; se .: C 6
C R x; 19—P × C, D × T x; 20—R 2 B, D
× T; 21—D 5 D x, R 2 R; 22—D × P x, R 1
D; 23—D 5 D x, B 2 R, as Br. podem dar
xaque perpetuo ou tentar ganhar por D × T
etc.

(g) Não tinham tempo para esta captura;
era preciso tentar pôr a T R em jogo, avan-
çando o P T R.

(h) Um excellente lance.

(i) Ainda um bom lance.

(j) A partida está perdida, 30—T 2 T R
faria sómente prolongal-a. (Notas de Hal-
lings).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 15 (N. Teres-
tchenko): 1 — R 1 R, *ad libitum*; 2 — B, P
mate.

JOSÉ GETULIO.

As officinas dos «Annaes», dispondo,
de um material completamente novo e
moderno, executam todo e qualquer tra-
balho typographico.